

Risieri Frondizi — ?Que son los valores? (L. W. V.); José Van Den Basselaar — As interpretações da história através dos séculos (L. W. V.); José Ferrater Mora — Ortega y Gasset: an outline of his philosophy (L. W. V.); Cruz Costa — Esbozo de una historia de las ideas en el Brasil (L. W. V.); Pascal — Pensamentos (L. W. V.); Ernst Cassier — El problema del conocimiento en la filosofía y en la ciencia moderna (L. W. V.); André Berge, A educação sexual da criança e Imídeo G. Nérici, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura S/A, (Paulo Dourado de Gusmão); Not Guilty, (Jerome Frank e Barbara Frank) — REVISTAS EM REVISTA, PUBLICAÇÕES RECEBIDAS 372

NOS PRÓXIMOS FASCÍCULOS

ROMANO GALEFFI — *O cômico em Bergson*
ROMANO GALEFFI — *Arte e metafísica*
LUIS WASHINGTON VITA — *Moral e direito*
IRINEU STRENGER — *A noção espaço-tempo em Marx*
LEONIDAS HEGENBERG — *Semiótica e axiomática*
ANATOLE ROSENFELD — *Nicolai Hartman*
CARLOS FREDERICO MACIEL — *Reflexões sobre regionalismo e universalismo*

RELAÇÕES DA LITERATURA COM A FILOSOFIA NO BRASIL

Evaristo de Moraes Filho

(Da Universidade do Brasil e do I. B. F.,
Secção do Distrito Federal)

1 — Constitui um dos lugares comuns mais repetidos entre nós o que se refere à nossa reconhecida incapacidade para os estudos abstrativos e para a filosofia em geral. Não há um só possível pensador brasileiro, em todos os tempos, que não inicie a sua nova síntese dos conhecimentos humanos com esta observação. De constante, tornou-se um refrão, enfadonho quase sempre, mas nem por isso menos verdadeiro. Já dizia Chesterton que tôdas as verdades profundas são lugares comuns. E esta é uma delas.

Todos os ensaístas filosóficos em nosso meio demonstram uma nítida consciência do esforço que estão realizando e talvez em vão (1). Por falta de tradição, pelo curto período de vida independente como nação, por dificuldade da língua, pobre em termos conceituais abstratos, por falta de ressonância nas camadas ditas cultas, por ausência de agências de ensino especializados — que só agora vão surgindo através das escolas e faculdades de filosofia —, a verdade é que salta aos olhos esta carência de um pensamento continuativo e suficientemente denso, rico, contraditório, tumultuoso, múltiplo, pouco importa, mas demonstrativo de uma particular franja na cultura nacional, passível de isolamento e de vida própria. Não chegamos a constituir duradouras correntes de pen-

(1) Bastam alguns exemplos, dos espíritos mais representativos. Num de seus últimos ensaios, escrevia Tobias Barreto, desesperado — *Recordação de Kant*, de 1887 in *Questões Vigentes*, ed. de Sergipe, 1926, pág. 245: "Não há domínio algum da atividade intelectual em que o espírito brasileiro se mostre tão acanhado, tão frívolo e infecundo, como no domínio filosófico". E Sívio Romero assim começa a *Nota Inicial*, data de 1876, de *A Filosofia no Brasil*, Porto Alegre, 1878, pág. VII: "O título deste pequeno ensaio talvez excite um sorriso de mofa em alguém que saiba qual o estado do pensamento brasileiro, qual a contribuição que o Brasil tem levado ao movimento científico da humanidade. Todavia, há sério naquelas palavras.... "Por outro lado, confessava Farias Brito, *A Filosofia Moderna*, Ceara, 1899, pág. 263: "Sinto-me até certo ponto esgotado e sem forças, e sem apoio nem estímulo nem consciência mesmo da utilidade do meu esforço".

V

Lo "studio" del Toynbee è composto di sette volumi, tre dei quali usciti nel '34 e quattro nel '53: e costituisce il più organico e penetrante tentativo contemporaneo d'interpretazione generale della storia umana.

La tesi dell'opera può essere riassunta così: ogni civiltà nasce, si sviluppa e muore secondo il ritmo di una tensione vitale che si determina tra la "sfida" delle circostanze e la "risposta" creativa degli uomini, per quindi esaurirsi: l'unica civiltà cristiana potrà eccezionalmente salvarsi, a patto di universalizzarsi, realizzando compiutamente se stessa.

Esiste nella storia un continuo dinamismo drammatico da una civiltà all'altra, da un'epoca all'altra, da uno sforzo all'altro di formulare e poi di attuare l'ideale definitivo dell'uomo. Con l'avvento del Cristianesimo questo ideale è ormai chiaro; ma ecco che il Cristianesimo degenera subito nella Cristianità; ecco che la Cristianità s'involve progressivamente dal rozzo ma saldo fideismo del Medioevo al profano fervore "moderno" e all'immenso caos contemporaneo; ecco che si profila la mortale minaccia di una totale paralisi e di un totale fallimento dell'Occidente, minaccia tuttavia superabile e anzi salutare se in essa l'Occidente sarà capace di cogliere l'estrema occasione per una decisa rivivificazione dello spirito cristiano che lo tenne a battesimo.

samento, tão profundas e objetivas que acabem por se impersonalizar como concepções do mundo e da vida autônomas e autosuficientes. Vivemos sempre do imediato e do próximo, do comentário do dia a dia, do pragmático enfim. Aparecem, sem dúvida, fortes cerebrações, espíritos voltados para os problemas da filosofia, lidos em autores europeus, mas que não fazem da sua meditação uma constante sistemática, em linha reta, ascensional. Filosofia é este esforço estrênuo, permanente, sempre dirigido para a compreensão das coisas, através de um estudo crítico e sistemático do conhecimento humano (2).

É bem verdade que esta observação não nos é particular, comum que é a todos os povos do novo mundo, como consequência da sua própria imaturidade intelectual. Ainda há pouco perguntava o professor Barton Perry se existia uma filosofia norte-americana, e respondia da seguinte maneira: "Embora nos Estados Unidos não exista um corpo de doutrinas nem uma escola filosófica que possam ser consideradas como norte-americanas, existe, entretanto, um molde intelectual que foi criado nos Estados Unidos como resultado de sua história, de sua origem étnica e de seu ambiente natural e que se refletiu no tipo de filosofia que tendeu a predominar e a prevalecer".

As voltas com idêntico problema andaram sempre os eruditos da península ibérica voltados para estes estudos. Qual a vocação dos povos ibéricos para os estudos filosóficos? Há uma tradição filosófica em Portugal e Espanha ininterrupta, permanente e contínua? Várias são as respostas, umas negativistas absolutas, outras mais ponderadas, no sentido de que falta um balanço completo e exaustivo das fontes, e, finalmente, outras ainda mais otimistas. Entre os primeiros inclui-se Fidelino de Figueiredo, optando Joaquim de Carvalho e Lothar Thomas pela segunda opinião. Menendez Pelayo parece ficar com a terceira posição. E já em 1868 ao escrever um pequeno ensaio da possível história da filosofia em Portugal, esclarecia o seu autor, o estudante de Coimbra, Lopes Praça: "Muita gente instruída qualificou de quimera o nosso propósito. Nenhum filósofo ilustre se conhecia nos fastos da história portuguesa. Não tínhamos um nome ilustre que nos guiasse, um fio de Ariadna que nos dirigisse, um luzeiro que nos

(2) Pelo menos é este o sentido predominante na filosofia moderna, depois de Descartes. Ainda num dos seus últimos livros escrevia Edmund Husserl, *La Philosophie comme science rigoureuse*, trad. de Q. Lauer, Paris, 1955, págs. 51/12: "É verdade que o caráter dominante da filosofia moderna consiste, não em se abandonar ingenuamente à impulsão filosófica, mas, pelo contrário, na vontade de se constituir como ciência rigorosa, por intermédio da reflexão crítica, penetrando sempre mais profundamente seu próprio método".

norteasse. Edificamos no vácuo. Investigamos os materiais, e apuramo-los, na estreiteza do tempo, pelo calor das bibliotecas, que pudemos visitar, algemados pela pobreza e singularidade dos nossos recursos morais e materiais. Neste labutar só um estímulo indefectível nos amparou — a santidade do pensamento que nos inflamavam a inteligência. Sabemos como todo o mundo que um livro destes não tem compradores no país” (3).

É manifesto o pessimismo do jovem escritor, que bem denuncia o estado de espírito que dominava naquela época. De lá para cá alterou-se um pouco a situação, com instituição de faculdades de filosofia e com a publicação de mais de uma revista especializada, entre outras, a de Coimbra, de Lisboa e de Braga. Contudo, é preciso não confundir como faz muita gente, entre filosofia sistemática propriamente dita e concepção do mundo como estado de espírito coletivo, capaz de ser atribuível a cada povo. Com ou sem filósofos sistemáticos, há sempre uma particular maneira de encarar as coisas do mundo e do espírito, daí os estudos de fôclore, os ensaios de interpretação nacional e de psicologia social. Segundo Dilthey, incluem-se na *Weltanschauung* tôdas as formas da arte, da religião e da filosofia. E os seus tipos podem ser sumariamente classificados através de sua manifestação mais intensa, seja pelo pensamento, pelo sentimento ou pela vontade.

Mas o assunto nos levaria longe. Basta-nos deixar bem claro que a filosofia é uma das partes da *Weltanschauung*, não se confundem os seus limites. A filosofia é sempre uma meditação crítica, uma sistematização racional dos problemas totais que apresenta a realidade, mas sempre um exame da razão, mesmo quando se trate de uma filosofia irracionalista ou anti-intelectualista, como a de Bergson, por exemplo. Pois bem, a despeito de não existir uma continuidade histórica no pensar abstrato e conceitual do

(3) R. B. Perry, *Is there a North-American Philosophy?* in *Philosophy and Phenomenological Research*, março 1949, pág. 368.

Para o estado atual do debate do assunto — que não podemos desenvolver aqui —, podem ser vistos: J. J. Lopes Praça, *História da Filosofia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da Filosofia*, Coimbra, 1868, págs. VII/VIII; Fidelino de Figueiredo, *Literatura Portuguesa*, 2.^a ed., Rio, s./d., págs. 25 e segs.; Joaquim de Carvalho, *Desenvolvimento da Filosofia em Portugal durante a Idade Média*, Coimbra, 1927, págs. 5 e segs.; Lothar Thomas, *Contribuição para a História da Filosofia Portuguesa*, Lisboa, 1944, págs. 11/12; Ferreira Deusdado, *Esbôço histórico da filosofia em Portugal no século XIX*, Lisboa, 1898; Sant'anna Dionísio, *A não-cooperação da inteligência iberica na criação da ciência*, Lisboa, 1941, pág. 48; H. Cidade, *Lições de cultura e literatura portuguesas*, vol. I, Coimbra, 1951, págs. 110 e segs.; 278/281; vol. II, págs. 388/389; ainda o agudo ensaio de apresentação da *Revista Portuguesa de Filosofia*, da Un. de Braga, jan./fev. 1945, págs. 6/7. De M. Menendez Pelayo, *Ensayos de crítica filosófica*, Madrid 1918, págs. 119 e segs.

espírito brasileiro, não há como negar que se apresentam casos isolados, individuais, que irrompem aqui e ali, dando mostras das potencialidades da nossa cultura, mas morrem pouco depois por falta de estímulo e de ressonância (4).

Sem uma nítida linha diyisória entre a filosofia e a literatura, em sentido estrito, é de fácil verificação que, no Brasil, sempre

(4) Husserls contrapõe, frontalmente, a filosofia e a *Weltanschauung* como dois tipos opostos e antitéticos de pensamento; e tanto uma filosofia é mais rigorosa quanto mais se afasta desta última, confundida com uma vaga “sabedoria”. Conf., *op. cit.*, págs. 120 e segs.

Como se sabe, é de W. Dilthey que se trata, como tipo mais representativo desta opinião criticada. Deve-se principalmente, ao autor dos *Studien zur Grundlegung der Geisteswissenschaften*, na filosofia contemporânea, uma completa teoria a respeito do que os alemães chamam de *Weltanschauung*, *Weltansicht* ou *Weltkonzeption*, isto é, uma cosmovisão ou uma concepção do mundo e da vida.

Tôdas as criações humanas surgem da vida psíquica e de suas relações com o mundo exterior. Nesta reflexão associam-se a experiência da vida e a evolução da imagem do mundo. Surgem necessariamente interpretações da realidade: as concepções do mundo, que procuram solucionar o *enigma da vida*. A sua estrutura é um complexo em que se reúnem elementos de procedências diversas e de naturezas também diversas. Incluem-se aí a arte, a filosofia, a literatura, a religião, mas só a segunda procura compreender a própria concepção do mundo e da vida, classificando-lhe os tipos e descobrindo as leis de sua formação.

K. Jaspers coloca a crença como fundo da *Weltanschauung*, diferentemente de Dilthey, adepto da compreensão direta e imediata (*Das Verstehen*). Sobre isso: K. Jaspers, *Philosophie*, 2.^a ed., Heidelberg, 1948, pág. 211; Walter Ehrlich, *Das Verstehen*, Zurich und Leipzig, 1939, esp. págs. 26 e segs.; W. Dilthey, *Teoria de la concepción del mundo*, trad. de E. Imaz, México, 1945, págs. 139 e segs., 212 e segs.; H. A. Hodges, *Wilhelm Dilthey, An Introduction*, London, 1944, págs. 98/101, 152/154; H. A. Hodges, *The Philosophy of W. Dilthey*, London, 1952, págs. 84/87, 93/95, 322/324; R. Eisler, *Handwörterbuch der Philosophie*, 2.^a ed., de R. Müller-Freienfels, Berlin, 1922, pág. 736.

Seria impossível e ridículo tentarmos dar aqui uma série de definições de filosofia. Já demos, no texto, o que entendemos por filosofia, que, no dizer de A. N. Whitehead, nada mais é do que uma crítica de abstrações, um exame crítico das idéias do pensamento comum em cada época. Encara, assim, seriamente os fatos, as possibilidades e os ideais. Vejam-se: *Adventures of Ideas*, New York, 1933, pág. 125; *Remarks*, in *The Philosophical Review*, vol. XLVI, 1937, pág. 178. Para alguns conceitos genéricos, sumariamente: H. Bergson, *L'Intuition philosophique*, in *La Pensée et le Mouvant*, ed. de Genève, 1946, págs. 117/139; J. Lachelier, L. Robin, D. Parodi, L. Brunschvicg, R. Berthelot, Ed. Le Roy, E. Meyerson, etc., in *Bulletin de la Société française de philosophie*, n.º 3, 1921; W. Windelband, *Was ist Philosophie?* (*Über Begriff und Geschichte der Philosophie*), in *Praludien*, 1.^a parte, Tübingen, 1924, págs. 1/54; F. Paulsen, *Introduzione alla Filosofia*, trad. de L. Gentilini, Torino, 1911, (Essenza ed importanza della filosofia), págs. 1/43; W. Dilthey, *La esencia de la Filosofía*, trad. de E. Tabernig, Buenos Aires, 1944.

caminharam juntos e concomitantes os movimentos de idéias e as suas manifestações nas obras de ficção. Ou os mesmos motivos objetivos, naturais ou sociais, serviam para inspiração dos autores, sob forma de poesia, de romance, de ensaio; ou os próprios ficcionistas procuravam explicar a sua maneira de encarar a realidade, ou ainda, embora mais raro, eram os possíveis pensadores que tentavam concretizar numa obra de ficção as suas idéias estéticas. A verdade é que, com maior ou menor destaque, em todos os movimentos literários nacionais, para cada estilo de literatura, encontramos sempre um possível teórico. O romântico Gonçalves de Magalhães também fez filosofia, como também foi José de Alencar consciente do seu indianismo, do seu nacionalismo, do seu estilo e da sua mensagem. É bem significativa a polêmica entre ambos em torno da *Confederação dos Tamoios*. O realismo e naturalismo de Aluizio de Azevedo, de Adolfo Caminha, de Domingos Olímpio foram encontrar em Tobias Barreto. Silvio Romero, Capistrano de Abreu e Araripe Junior a correspondente linha conceitual, entusiasta e exaltada. Por outro lado, constitui toda a obra de Machado de Assis, a de crítica e a de ficção, as crônicas, os prefácios, os romances e os contos, um belo exemplo de intercomunicação entre as diretivas estéticas e as suas manifestações no campo da ficção. O mesmo pode ser dito de Graça Aranha, de Mario de Andrade e de todo o movimento modernista em geral, de certa maneira coeso, inteiro, com uma completa divisão do trabalho intelectual no qual não faltaram bons poetas, romancistas, contistas e críticos, como Tristão de Ataíde, mostrando a simbiose perfeita do movimento e confirmando o que afirmamos acima a respeito dessa correspondência ideológica entre os ensaios de pensamento e a ficção literária em si mesma.

Pouca importa que sempre tenhamos imitado ou mesmo copiado idéias européias, que a nossa cultura tenha se inspirado em concepções exóticas, que não possamos apresentar uma criação filosófica original, se os motivos diretos e imediatos não puderam deixar de refletir o meio e o momento nacionais. Em verdade, não apresentamos nenhum pensador unicamente afeito às idéias gerais, perdido no tempo e no espaço como um pêndulo sem atrito, inteiramente mergulhado nos domínios da ontologia ou da metafísica. E nem esse tipo puro é encontrado em parte alguma. Com razão, pôde escrever João Ribeiro numa nota de maliciosa ironia que "o nosso idealismo não se alonga muito longe da terra nem vai além dos mais próximos planetas; e, fora da poesia condoreira ou do gongorismo dos epítetos, ninguém se preocupa do infinito". E na mesma linha de observação vaticinou Clovis Beviláqua, com o que estamos de pleno acôrdo: "Se algum dia pu-

dermos alcançar mais significativa produção filosófica, estou convencido de que ela não surgirá dos cimos da metafísica" (5)

2 — Neste rápido escôrço que teremos de traçar na seriação dos possíveis pensadores brasileiros, não recuaremos além das primeiras décadas do século XIX, e por motivos óbvios. Seria impossível admitir-se vida mental própria em um povo que ainda vivia sob o regime de colônia. Por mais que se pretenda estabelecer a independência da história literária, e neste sentido se orienta a mais influente tendência da crítica contemporânea, não há como fugir-se à realidade de que o homem que escreve vive num determinado meio, num certo tempo histórico, sujeito a um sem número de fatores concretos que o condicionam no momento de produção. Há um estilo traçado antes dêle, há as experiências vividas e incorporadas à sua vida íntima sob a forma de vivência, há um público para o qual escreve, consciente ou inconscientemente. O próprio Richards, tratando da natureza da experiência estética, não pôde deixar de esclarecer: "... embora admitindo que essas experiências estéticas possam ser distintas, serei muito cuidadoso em demonstrar que são estreitamente semelhantes a muitas outras experiências, que diferem principalmente nas conexões entre seus constituintes e que são somente um desenvolvimento

(5) J. Ribeiro, *A Filosofia no Brasil*, in *Revista do Brasil*, set./dez. 1917, pág. 255; C. Beviláqua, *Esboços e fragmentos*, Rio, 1899, pág. 25.

É praticamente impossível indicar a imensa quantidade de obras e ensaios dedicados ao longo da história do pensamento entre a literatura e a filosofia. Basta dizer que desde as concepções estéticas de Platão e Aristóteles, principalmente na *Poética* e na *Retórica* dêste último, nunca mais saíram tais questões do campo da estética propriamente dita. Sobre o belo dissertaram Tomás de Aquino, Descartes, Spinoza, Pascal, Leibniz, Kant, Schelling, Hegel, Schopenhauer, Nietzsche, Comte, Spencer, Bergson, etc. Atualmente, então, com a problemática da logística e da lingüística científica, ainda mais próximos ficaram seus domínios. A mesma coisa pode ser dita da crítica estética, daquela que procura estudar axiológicamente, segundo uma escala de valores estéticos, as obras literárias. O problema do significado e do valor são problemas filosóficos, em sentido amplo. A êste respeito, esclarece B. Croce, *Aesthetica in nuce*, trad. de I. Q. de Marelli, Buenos Aires, 1943, pág. 110: "Outra advertência merece não ser esquecida: é que a Estética, embora sendo uma particular doutrina filosófica, porque estabelece como princípio seu uma particular e diversa categoria do espírito, por isso mesmo que é filosófica, não se separa nunca do tronco da filosofia, já que seus problemas são de relação entre a arte e as demais formas espirituais e, portanto, de diferença e identidade. Ela é, na realidade, toda a filosofia, iluminada com maior insistência pelo lado que se relaciona com a arte".

Além dos livros de E. Ermantiger, F. Schultz, et alia, *Filosofia de la Ciencia Literaria*, trad. de C. Silva, México, 1946 e de W. M. Urban, *The philosophy of language and the principles of symbolism*, London, 1939, que nos parecem muito significativos, veja-se a bibliografia especial do fim do vol. I, tomo 2, desta obra.

ulterior, uma organização mais refinada das experiências ordinárias, e não, afinal de contas, uma nova e diferente espécie de coisa" (6).

No conjunto da experiência humana, a atividade estética não é "de espécie fundamentalmente diferente". Assim, vivendo no mundo, não podiam os nossos homens de letras escapar às condições existenciais do seu próprio povo. Com a chegada ao Brasil de D. João VI, com a abertura dos portos aos navios das nações amigas, com as novas leis que nos permitiam a instalação de indústrias, alteraram-se completamente os quadros da nossa realidade econômica e social. Os efeitos foram imediatos, com a elevação do Brasil ao Vice-reinado, com a sede da corte real no Rio de Janeiro, e de 1808 para diante, principalmente depois de 1822, com a independência, não cessou a ascensão da antiga colônia em todos os campos da atividade humana, quer material, quer espiritual. É espantoso o desenvolvimento o entusiasmo que se apossaram do homem brasileiro e inclusive de muitos portugueses que aqui viam a sua segunda pátria. Atingiu-se às raias do paroxismo, numa incontida alegria pela chegada de D. João VI, conforme testemunho de viajantes estrangeiros de passagem pelo Brasil. Foram ruidosas as comemorações, com festas públicas, procissões, queimas de fogos, e assim por diante. Além da abertura dos portos, era preciso elevar a antiga colônia às culminâncias do novo papel histórico que as circunstâncias a conduziam a representar. É assim que o regente, logo depois da sua chegada, faz instalar cursos de cirurgia e medicina no Rio e na Bahia. Estabelece uma imprensa régia, que veio tornar possível a composição rápida e bem feita de numerosos trabalhos que nem encontravam onde ser editados. Funda uma academia de cadetes da marinha. Pouco depois, de 1810 a 1811, inaugurou-se uma academia de comércio e outra de guerra. A primeira biblioteca, na Corte, é posta à disposição do público em 1814. Em 1818 criam-se a Escola de Belas Artes e o Museu Nacional, assim como no mesmo ano começaram as providências para a constituição do Jardim Botânico.

Com tudo isso preparava-se o Brasil para desprender-se da influência intelectual dominante do Reino, entrando em contato com outras culturas e com outras idéias. A verdade, como assinala Silvio Romero, é que, "desde os fins do século XVIII, o pensamento português deixou de ser o nosso mestre. Fomos nos habituando a interessar-nos pelo que ia pelo mundo". Mas foi principalmente depois da independência, com um governo próprio, per-

(6) I. A. Richards, *Principles of literary criticism*, 6.^a ed., New York, 1938, págs. 16/17.

sonalidade nacional autônoma, instituição dos cursos jurídicos em 1827, em cujas escolas se concentraram os núcleos mais importantes do debate das idéias novas, foi depois desta época, repetimos, que a literatura brasileira começou a adquirir certa autonomia mental, sob a forma do romantismo. Com o movimento romântico começa, realmente a produção literária brasileira, com independência intelectual, inspirada em motivos brasileiros, procurando crescer numa língua mais viva e local. E ainda aí podemos surpreender o nascimento de outras agências sociais de cultura, organismos que vão tornar possível o debate e a transmissão dessa herança cultural: em 1837 é fundado o Colégio Pedro II e em 1838 o Instituto Histórico. Por tudo isso é que somente a partir do romantismo podemos apontar os homens representativos do pensamento brasileiro, com maior ou menor influência nos quadros da literatura nacional. E daí partimos.

Embora as origens do movimento tenham sido exóticas, trazido notadamente por um grupo de brasileiros que haviam passado algum tempo na Europa, em contato direto com os mais eminentes espíritos da época, os motivos e as preocupações já eram nacionais. Sentia-se em todos um frêmito de nacionalismo, a intenção confessada ou velada de traçar um retrato da pátria, de corpo inteiro. Tomava-se consciência do papel que devia representar a nova literatura e por esse caminho se dirigiam os novos escritores, em plena ascensão do romantismo. Respondiam, por assim dizer, ao apelo de nacionalização das letras brasileiras, paradoxalmente, lançado por dois estrangeiros: Ferdinand Denis e Almeida Garret.

3 — Silvestre Pinheiro Ferreira, professor português e conselheiro de D. João VI, (7) foi um dos que tiveram os seus tra-

(7) Silvestre Pinheiro Ferreira (nasceu em Lisboa em 31 de dezembro de 1769 e morreu em 2 de julho de 1846). Ingressou na congregação do Oratório com 14 anos, onde revelou desde logo grande talento e originalidade de idéias. Criou sérios inimigos, dentro da congregação, com a crítica que fez à obra de Teodoro de Almeida. Não concluiu o período normal, saindo do seminário somente minorista. Em 1794, mediante concurso, alcança o cargo de professor substituto de filosofia racional e moral na Universidade de Coimbra. Mais tarde, perseguido e insultado, refugia-se na Holanda, vive no Brasil de — 1810 a 1821, quando volta a Portugal, tendo aqui sido nomeado por D. João VI deputado da Junta do Comércio. Pelas suas andanças em terras de Europa, conhece Goethe pessoalmente e frequenta cursos de Fichte e Schelling. Comendador da Ordem de Cristo e Secretário de Estado honorário, foi eleito deputado às Cortes duas vezes, em 1827 e 1842, tendo exercido somente o último mandato. Entre outras instituições, era membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

Bibliografia — Da sua imensa bibliografia, que abrange estudos de filosofia, direito, história, política, etc., destacaremos unicamente as obras que

balhos compostos na Imprensa Régia. É, rigorosamente, ainda um representante do período pré-romântico, mas a sua figura intelectual é curiosa, pelo que representou de singular naquele momento histórico brasileiro. Tendo abandonado a Congregação do Oratório, era amigo pessoal de José Bonifácio, vindo a patrocinar uma série de conferências filosóficas no Real Colégio de S. Joaquim, iniciando ele próprio um curso de filosofia a 26 de abril de 1813, publicado sob a denominação de *Preleções Filosóficas sobre a teórica do discurso e da linguagem, a Estética, a Diceosina e a Cosmologia*. Em livro do mesmo ano, escrito a pedido direto de D. João VI, bem compreendeu a evolução que se processava na colônia, prevendo a sua emancipação caso o regente regressasse a Portugal. Indicava mesmo medidas que deviam ser tomadas a respeito, dada a precipitação dos acontecimentos.

De certa maneira, foi Pinheiro Ferreira o renovador dos estudos de filosofia em terras brasileiras. Além do livro de 1813, publicou outro em 1839, com o qual procurava desbancar o compêndio de Genuense, admitido oficialmente aqui e além-mar como o livro de texto no ensino da filosofia. Disso não fez segredo Silvestre Pinheiro, antes referindo-se expressamente aos seus magnos propósitos na apresentação do novo livro.

Nas *Preleções*, de 1813, são estudados longamente, segundo os conhecimentos da época, os princípios da lógica, da gramática geral e da retórica, o tratado das paixões, regras de estética, técnica da eloquência, inclusive um sistema do mundo ou cosmologia. A

digam de perto com o período por nós estudado: *Preleções filosóficas sobre a teórica do discurso e da linguagem, a estética, a diceosina e a cosmologia*, Rio de Janeiro, 1813; *Noções elementares de Filosofia geral e aplicada às ciências morais e políticas — Ontologia, psicologia, ideologia*, Paris, 1839; *Memórias políticas sobre os abusos gerais e o modo de os reformar e prevenir a revolução popular in Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro*, vol. XLVIII, Rio de Janeiro, 1884 (mas o escrito é de 1813). São de 1830 dois livros sobre a Constituição brasileira de 1824. Em carta há pouco recebida, informa o Prof. Joaquim de Carvalho, de Coimbra, que está coligindo a obra filosófica de Silvestre Pinheiro.

Consultar — Inocêncio Fr. da Silva, *Dicionário Bibliográfico*, vol. VII, 1872; *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. II (1876/1877); J. J. Lopes Praça, *História da Filosofia em Portugal*, Coimbra, 1868; J. J. Louzada de Magalhães, *Silvestre Pinheiro Ferreira, Sein Leben und seine Philosophie mit einer Einleitung über die wichtigsten portugiesischen Philosophen*, Bonn, 1881 Teófilo Braga, *História da Universidade de Coimbra*, Lisboa, 1902, vol. IV; Delfim dos Santos, *Perspectiva da Literatura Portuguesa do século XIX*, Edições Ática, Lisboa; Cabral de Moncada, *Subsídios para uma história da filosofia do direito*, Coimbra, 1936; Newton de Macedo, *A Renovação das idéias e das instituições de cultura*, in *História de Portugal*, de D. Peres e E. Cerdeira, vol. VI; Fidelino de Figueiredo, *Estudos de Literatura*, 4.^a série, Lisboa, s./d.; Hernani Cidade, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, vol. II, Coimbra, 1948.

certo passo, dando a medida do seu critério e do seu senso crítico, escreve o nosso autor: “Os filósofos, que hoje respeitamos como mestres, assentam suas doutrinas sobre a base de que a teórica do raciocínio e do discurso é inseparável da teórica da linguagem e que não podendo ser inteligente aquele que não é inteligível, a abundância, e a clareza das idéias em toda e qualquer ciência, arte, profissão, ou trato humano, está em rigorosa proporção com a abundância, exatidão, e clareza de linguagem ou nomenclatura da matéria de que se trata e do uso, que dela sabe fazer a pessoa que dela se serve”.

Manifesta-se contra o estilo “alambicado, inchado, alcatilado, extravagante, por excesso de metáforas”. E destacando já o papel da imaginação, principal função espiritual de que irão se servir os românticos na sua atividade literária: “Se a imaginação, posto que ocupada, pela maior parte, em representar-nos os próprios objetos, os abandona por intervalos, para representar unicamente os seus nomes e... se exprime com as vivas cores da linguagem, toma o nome de Estro ou de Entusiasmo Poético”.

No compêndio de 1839 confessa-se Silvestre Ferreira discípulo de Aristóteles, Bacon, Leibniz, Locke e Contillac e manifesta-se inteiramente adverso às idéias de Kant, Fichte, Schelling, os modernos da França e os ecléticos. Estuda, sucessivamente, a ontologia, a psicologia e a lógica, definindo deste modo o objeto a filosofia: “Portanto a arte de observar, o tratado da linguagem, o tratado dos sistemas, e o tratado das teorias no seu complexo, constituem o que se chama *filosofia geral*, ou comum a todas as ciências”. Refletindo os assuntos da época, dedica-se também à *ideologia*, que tem por objeto as faculdades de perceber e de pensar.

No prefácio, no entanto, mais preocupado por substituir o compêndio de Genuense, então em uso nas universidades de Portugal, dirige-se sempre à gente de lá, dando-lhe conta das suas idéias: “É esta filosofia do senso comum dos homens, exposta em linguagem singela da razão humana, que neste Compêndio oferecemos à estudiosa mocidade portuguesa”.

Com este espírito filosófico haurido em Aristóteles, de quem traduziu as categorias diretamente do grego, era patente em Silvestre Pinheiro a sua orientação realista em teoria do conhecimento, tão contrário ao vago espiritualismo, então reinante. Manifestava-se nitidamente contrário ao idealismo alemão, como nebuloso e metafísico. Quando Gonçalves de Magalhães funda em 1836, em Paris, *Niteroi-Revista brasiliense*, juntamente com Porto-Alegre, Torres-Homem e Azeredo Coutinho, aparece o nome de Silvestre Pinheiro Ferreira como seu colaborador da primeira hora,

ao lado de C. A. Taunay, J. M. Pereira da Silva e Miguel Calmon Du Pin e Almeida. E serão esses exatamente os homens que estarão fazendo daqui a pouco a renovação literária brasileira, como se deve a este português a renovação dos nossos estudos filosóficos.

4 — Com igual bagagem filosófica e muito maior influência literária surge o nome de Domingos José Gonçalves de Magalhães, o futuro Visconde de Araguaia (*q. v.*) (8). Interessa-nos aqui somente apresentar um rápido sumário das suas idéias filosóficas, já que é inegável e pacífico o reconhecimento da sua importância na criação do romantismo entre nós. Voltado para o sentido da terra brasileira, firmemente determinado a fazer uma obra em que esses propósitos se patenteassem, foi muito favorecido pelas circunstâncias do momento. De muito lhe valeram também os conhecimentos diretos que possuía do movimento romântico o filosófico nos principais centros europeus. Representou, assim, o papel de coordenador e de centralizador que as dispersas manifestações de seus contemporâneos solicitavam.

Através de sua viagem pela Europa, a partir de 1833, andou pela Itália, fixando-se em Paris. Aí entrou em contato com as mais recentes publicações dos românticos franceses, tendo conhecido pessoalmente a Debret, vivendo numa atmosfera impregnada de romantismo, no qual Deus e a natureza eram os temas prediletos. Para o restante da sua formação bastaram as lições de Jouffroy, eclético espiritualista, de quem foi aluno, ou pelo menos ouviu as lições, em Paris.

Estas idéias coadunavam-se com a influência que sobre ele exerceu Mont'Alverne, cujas aulas de filosofia assistiu, embevecido pelo dons retóricos e oratórios do eloqüente prelado. Místico, católico, sofreu uma crise em sua mocidade, quando estudante da escola de medicina e cirurgia fundada por D. João VI e chegou até a admitir o seu ingresso na carreira eclesiástica. De volta da Europa, foi nomeado pelo Imperador lente de filosofia no Colégio Pedro II, cuja aula doutoral foi por ele proferida, perante um auditório solene e selêto, a cuja frente se encontrava Sua Magestade. A plaqueta vem dedicada ao Imperador, iniciando-se a exposição sobre a filosofia e a verdade numa linguagem afetada e retórica,

(8) Além das indicações de vol. I, t. 2, pág. 651, consultar ainda: Silvio Romero, *A Filosofia no Brasil*, Porto Alegre, 1878, Tobias Barreto, *Estudos Alemães*, Ed. do Est. de Sergipe, 1926; Leonel Franca, *Noções de História da Filosofia*, 14.^a ed., Rio, 1955; Almeida Magalhães, *Revisão dos Valores do pensamento brasileiro de meados do século XIX*, in *Anais do 1.º Congr. Br. de Fil.* Vol. I, S. Paulo, 1950; J. Cruz Costa, *Contribuição à História das idéias no Brasil*, Rio, 1956.

vazia e sem nenhuma profundidade. Declara que o currículo do novo colégio é exemplar, encontrando paralelo somente nos estabelecimentos de ensino da França e da Alemanha. Admite o conceito da filosofia como a ciência das ciências, esclarecendo: "Não há filosofia onde não há razão; e que a razão, só a razão, deve dominar sobre todos os nossos conhecimentos, para que se possam denominar científicos".

É de estranhar este elogio tão entusiasta da razão por alguém que foi o mais alto representante da primeira fase romântica no Brasil, mas pouco adiante não deixa de aparecer também o elogio à imaginação como faculdade criadora e não simplesmente entregue à função de memorizar: "Ávida a inteligência da verdade que tanto lhe importa, recorre a suas faculdades; na imaginação acha uma força criadora; ora, a imaginação não é só a faculdade de reproduzir imagens, nem lhe foi dada só para iludi-la; ela aí se encontra, imagina, compõe, levanta hipóteses e forma sistemas; isso fazemos nós todos e nem podemos deixar de o fazer por mais experimentalistas que sejamos". Mas, "não é só no domínio da filosofia que a inteligência se serve da imaginação". E a filosofia é um conhecimento de absoluta necessidade "... ao poeta, ao artista, e a todo o homem que no meio das maravilhas de Deus sentem sua alma abrasada no etéreo fogo do entusiasmo, e elevada nas asas da admiração a essas regiões puras, onde parece ocultar-se a verdade".

Resume Gonçalves de Magalhães a filosofia do seu tempo em quatro grandes sistemas: sensualismo, espiritualismo, ceticismo e misticismo. "Nenhum destes sistemas é totalmente falso". As suas predileções, no entanto, como ficará bem esclarecido em livro posterior, são para o ecletismo, então em moda, de Cousin e Jouffroy, com fortes tinturas do imaterialismo espiritualista de Berkeley. Esses nomes e mais os de Reid, Dugald-Stewart, Maine de Biran, Malebranche aparecem a todo instante em suas obras, embora pareça não tenha chegado a ler diretamente este último filósofo, cujas referências são feitas de segunda mão. Encantava-o a doutrina da "visão em Deus" de Malebranche, que tão bem completava o seu idealismo. A sua filosofia, diz, "é justamente aquela que mais exalta o espírito humano, mais o eleva a Deus, mais moraliza o homem, e mais capaz é de tornar-nos melhores na sociedade em que vivemos, e para a qual trabalhar devemos com o amor e desvelo, como quem se desempenha de uma dívida de consciência, quando mesmo ninguém demande, nem agradeça o pagamento" (9).

(9) Prof. D. J. G. de Magalhães, *Discurso sobre o objeto e importância da Filosofia*, recitado perante Sua Magestade o Imperador, no dia 14 de

Talvez um pouco agastado com as críticas lançadas contra a sua *Confederação dos Tamoios*, de 1856, desabafava imprevisivelmente em meio a uma exposição filosófica: "A ciência não é um dogma que se apresenta inteiro e sem provas: nem uma simples crítica literária que só destrói sem nada produzir, e vive como a parasita à custa do tronco em que se enrosca; é um trabalho arquitetônico como o da vida, que decompõe para compor" (10).

Em matéria filosófica, apesar do que pensa Magalhães a respeito de si mesmo, como alguém que se "aventura em novas teorias, apartando-se dos seus mestres", não passou a sua filosofia de uma exposição exótica de ecletismo de Cousin, do imaterialismo idealista de Berkeley e do ontologismo da "visão em Deus" de Malebranche. "Só existe realmente o que é espírito... tudo o mais existe fenomenalmente, não em si, não para si, mas para quem o pensou e o fez aparecer a quem pode ver os seus pensamentos". E depois: "Todo êste imenso universo sensível que nos parece substancialmente existir entre nós e Deus, só existe intelectualmente em Deus como pensamentos seus, sem outra existência fora da inteligência mesmo de Deus que o pensou; nada tem existência material fora de Deus..." (11).

O que interessa, no entanto, fixar bem na análise da obra de Magalhães é o papel importante que representou na formação do movimento romântico brasileiro, procurando compreender a sua terra e dando-lhe tanto quanto possível uma literatura nacional, como já o demonstrava a epígrafe da sua revista de 1836: "Tudo pelo Brasil, e para o Brasil". No fim da vida, no seu último livro de idéias gerais, não se conformava com a mudança do gosto literário, com o aparecimento de novos estilos de romance: "O naturalismo, ou realismo de certa escola de literatura moderna, que se apraz nas descrições sem pêjo das coisas mais indecentes, infames e ascorosas, é o complemento do grosseiro materialismo do nosso tempo, que afoitamente nega Deus e a moral, e converte o homem em um macaco transformado pela seleção; e o homem, assim desaforado, não se envergonha de assumir a imprudência e a petulância do macaco". E depois, mais azêdo: "A indecência do assunto e da linguagem em obras literárias não é naturalismo; é depravação e cinismo" (12). Nesses pensamentos finais, como

fevereiro de 1842, Rio de Janeiro, 1842. As citações são, respectivamente, de págs. 7, 11, 12, 14, 16.

A última citação é de *Fatos do Espírito Humano, Filosofia*, Paris, 1858, pág. VIII.

(10) *Fatos*, cit., pág. 41.

(11) *Fatos*, cit. págs. 351/353.

(12) *Comentários e Pensamentos*, Rio de Janeiro, 1880, págs. 163/164.

uma espécie de testamento, manifesta o velho Gonçalves de Magalhães todo o seu conservadorismo. Diz-se católico, pela fé contra a ciência, monarquista e contra a liberdade da imprensa. Os tempos eram outros...

5 — Embora sem termo de comparação entre ambos, no que representaram na história literária brasileira, não pode deixar de ser lembrada aqui a figura de frei Francisco Mont'Alverne (q. v.) (13), que foi, aliás, professor de Gonçalves de Magalhães, chegando alguns dos seus admiradores a admiti-lo como filósofo do nosso romantismo e inspirador direto do autor de *Suspiros poéticos e Saudades*. Sem que seja necessário exagerar, não há dúvida que a primeira geração romântica muito se aproveitou da ação educadora do grande orador sacro, um pouco estranho à ortodoxia tomista do catolicismo e sustentando um ecletismo espiritualista em voga no pensamento europeu daquela época. Os temas são comuns e os mesmos: Deus, a natureza e os sentimentos religiosos. Devido ao entusiasmo de D. João VI pelo púlpito, dados os seus predicados e eloquência sacra, foi Mont'Alverne designado pregador na capela régia em 1816.

É esta, de resto, a nota tônica na personalidade do ilustre prelado: mais eloquência, oratória, retórica do que propriamente pensamento filosófico. Mas, por isso mesmo, é inequívoca a sua influência sobre os seus ouvintes, quer na cadeira de professor, quer no púlpito católico. Embora palavroso, aproveitava-se bem dos acontecimentos do tempo e das idéias em debate para lhes imprimir a paixão e o fogo do seu verbo. E entre nós até hoje é indiscutível o prestígio da oratória, valendo mais as belas palavras, as imagens de efeito, do que o conteúdo abstrato que possam oferecer.

Em matéria de filosofia, tão estranha é a orientação de Mont'Alverne, que não deixa êle de criticar com veemência a *philosophia perennis*, como não o faria o seu mais ardente adversário: "Esta filosofia bárbara reinou em quase toda a Europa, até que, no meado do décimo sétimo século, apareceu Descartes que indignando contra tantos absurdos sacudiu o jugo enorme e tenebroso do Peripatetismo, conseguiu dar-nos uma filosofia livre de

(13) Além das fontes citadas em vol. I, t. I, pág. 523, consultem-se ainda: Sílvia Romero. *A Filosofia no Brasil*, Porto Alegre, 1878; Sílvia Romero e João Ribeiro, *Compêdio de História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, 1909; Almeida Magalhães, *Revisão dos Valores do pensamento brasileiro nos meados do século XIX*, in *Anais do 1.º Cong. Br. de Fil.* 1950; Laerte Ramos Carvalho, *A lógica de Mont'Alverne*, in *Bol. da Fac. de Fil., C. e Letras*, da Univer. de S. Paulo, n.º LXVI, 1946; J. Cruz Costa, *Contribuição à História das idéias no Brasil*, Rio de Janeiro, 1956.

todos os princípios absurdos, que despojando-se de tôdas as idéias que entembreciam e maltratavam a razão, assegurou à Filosofia um novo império, e uma mais larga ilustração”.

Embora publicado em 1859, obra póstuma, o seu *Compêndio de Filosofia* foi escrito mais ou menos em 1833, reunindo as lições “ditadas, já nas aulas tradicionais do claustro, já no Seminário de S. José”. São palavras do seu editor, Francisco Luís Pinto. Suas idéias são um misto de Locke com Descartes, de Condillac, de Leibniz e principalmente de Cousin, retórico como êle. Confessava, referindo-se a êste último: “Eu forcejarei por aproveitar o que êle tem feito e restaurar com êle o sistema filosófico”. Eclético espiritualista, não chegou Mont’Alverne a ser um pensador original e profundo, não podendo receber o qualificativo de filósofo, a despeito do que êle próprio escreveu a seu respeito: “Arrastado por a energia do meu caráter, desejando cingir tôdas as coroas, abandonei-me com igual ardor à eloquência, à filosofia e à teologia, cujas cadeiras professei algumas vêzes simultâneamente” (14).

Há unanimidade no pensamento da crítica brasileira sôbre a nenhuma valia do *Compêndio* de Mont’Alverne, que, no dizer de Sílvia Romero, “foi atirado à margem, senão devorado pelo esquecimento, e o pensamento nacional passou-lhe adiante”. Seu mérito maior, como destaca o próprio Sílvia, foi o de haver pertencido “a essa geração que, jovem e robusta no tempo de D. João VI, entre nós, tomou parte no acontecimento sda Independência, e figurou nos tempos do primeiro reinado”.

6 — Como continuador de Mont’Alverne, cabe ser aqui sumariamente lembrado o nome de Eduardo Ferreira França (1809-1857), baiano de nascimento e professor de medicina em Salvador, laureado na Faculdade de Medicina de Paris. Publicou uma tese de doutoramento, *Essai sur l'influence des aliments et des boissons sur le moral de l'homme*, Paris, 1834 e *Investigações de Psicologia*, 2 vols., Bahia, 1854. Seu valôr de filósofo é praticamente nulo, bastando para ridicurizá-lo a sua pitoresca classificação das faculdades psicológicas em número de 12, além da sua imensa proliferação de instintos, tais como *astúcia*, *a secretividade*, *a habitatividade*, *a aprotatividade*, os instintos da *fantasia*, da *crença*, do *reconhecimento*, da *sujeição*, e assim por diante. Vindo de Condillac e Cabanis, depois da leitura das obras de Maine de Biran e Jouffroy, acabou num ecletismo espiritualista. Sílvia Romero acha-o, sem embargo, superior a Mont’Alverne e Gonçalves de Magalhães. Não teve, contudo, segundo nos parece, nenhuma influência literária.

(14) As citações são do *Compêndio*, pág. 3, 105, nota. A última é de *Obras Oratórias*, Porto, 1867, *Discurso Preliminar*, pág. VIII.

Como não teve por igual o pequeno *Compêndio de Filosofia Racional* do bispo do Pará, D. José Afonso de Moraes Torres (1805-1865), em dois pequenos volumes. Confessa o seu autor haver somente resumido as *Institutiones logicae et metaphysicae* do jesuíta austríaco Sigismund Storchenau, apresentando “uma doutrina pura e expurgada dos princípios do sistema eclético de que se acham iscados quase todos os compêndios de filosofia racional, admitidos hoje na maior parte das escolas públicas”.

Poderia ser também lembrado o nome de pernambucano José Ignácio Abreu e Lima (1796-1869), representativo do período pré-romântico, que se dedicou a alguns temas de filosofia, além de autor de mais de um livro interessante, já procurando àquela época (1836 e 1843) apresentar um quadro crítico e sintético geral do Brasil, inclusive em seus aspectos político e literário. Em 1855 publicou um ensaio sôbre o *Socialismo*, reunião de vários escritos esparsos anteriores, no qual defende o dogma da unidade do gênero humano como um “desígnio da Providência”, apesar do engano que pode sugerir o título. Baseia-se principalmente em Lammenais, Cousin e Bellanche, com auxílio dos quais escreve o capítulo sôbre “as escolas filosóficas”. Segundo Gilberto Freyre ainda está por se fazer o estudo completo da obra de Abreu e Lima, dando-lhe o lugar que merece na história do pensamento brasileiro.

Meramente em respeito à cronologia, já que a sua obra não apresenta nenhuma importância na história das idéias no Brasil, deve ser aqui referido o *Compêndio de Filosofia* (Rio de Janeiro, 1851, 2 vols.), de autoria de Manuel de Moraes e Vale, (1824 — 1886), professor da Faculdade de Medicina. Trata-se de um simples manual, para uso dos estudantes, como aliás confessa o seu próprio autor, inspirado ainda nas idéias do ecletismo espiritualista do começo do século, com umas tinturas sensorialistas de Condillac.

7 — Grandes foram as transformações econômicas e sociais no Brasil a partir de 1850, que vieram a culminar na abolição da escravatura e na proclamação da República. Tomamos o ano de 1850 simbolicamente por significar a data da abolição do tráfico negreiro. Com isso vai se dar um deslocamento do centro econômico, que passa do Norte para o Sul; modifica-se igualmente o quadro da monocultura açucareira, surgindo um novo produto, que irá ter um futuro brilhante: o café. Desenvolve-se um grande surto econômico, com inversão de novos capitais. O Banco do Brasil passa a ser um estabelecimento de emissão, instala-se a primeira linha de telégrafo elétrico e abre-se o tráfego da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Os partidos políticos vivem um ambiente de compromisso e trégua momentânea em suas contendas.

A Guerra do Paraguai de 1865 a 1870 vai significar grave crise social, culminando com a publicação do manifesto liberal d'êste último ano. Há como que uma revisão nas correntes do pensamento brasileiro, abrangendo todos os seus aspectos: literário, filosófico, político e mesmo religioso. Vale, a respeito, uma meia página de Sílvio Romero, contemporâneo dos acontecimentos que registra: "O decênio que vai de 1868 a 1878 é o mais notável de quantos no século XIX constituíram a nossa vida espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por ter sentido diretamente em si as mais fundas comições da alma nacional. Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo; a filosofia espiritualista, católica e eclética, a mais insignificante oposição; a autoridade das instituições monárquicas, o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionais do feudalismo prático dos grandes proprietários a mais indireta opugnação; o romantismo, com os seus doces, enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora. Tudo tinha adormecido à sombra do manto do príncipe feliz que havia acabado com o caudilhismo nas províncias e na América do Sul e preparado a engrenagem da peça política da centralização mais coesa que já uma vez houve na história de um grande país. De repente, por movimento subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de tôdas as coisas se mostrou e o sofisma do Império apareceu em tôda a sua nudez" (15).

Aqui, mais uma vez, como sempre, iríamos refletir as correntes filosóficas e literárias em moda na Europa. Funcionaria o que já se chamou de "lei de repercussão", consistente no reflexo do pensamento europeu entre nós, com vários anos de atraso. Assim é que as correntes do positivismo, evolucionismo, naturalismo, materialismo iriam encontrar adeptos devotados; a mesma coisa acontecendo com o realismo e o naturalismo na literatura, Comte, Darwin, Spencer, Haeckel, Renan eram os nomes mais em voga nas diretrizes mais acesíveis do pensamento filosófico europeu e seus futuros discípulos nacionais já estavam com a antenas no ar, maduros para a fecundação.

8 — Tobias Barreto (16) vai significar e polarizar esta brusca mudança de sentido no pensamento brasileiro. Hoje, à distância,

(15) Sílvio Romero, *Explicações indispensáveis*, in *Vários escritos*, de Tobias Barreto, ed. do Est. de Sergipe, 1926, pgs. XXVI/XXVII.

(16) Tobias Barreto de Menezes (nasceu em Campos do Rio Real, Sergipe, a 7 de junho de 1829 e morreu em Recife a 20 de junho de 1889), de

pouco importam as idéias que haja sustentado, com o calor do seu pensamento arrebatado; convém destacar somente o papel que representou no meio brasileiro, as novas tendências que suscitou e principalmente o exemplo que deixou como curiosidade intelectual onímoda e inquieta. Tobias, disse com felicidade Gilberto Amado, "está no centro da cultura do Brasil". E prossegue: "Daí será impossível arredá-lo. Há uma fogueira ardendo no meio do deserto do Brasil... essa fogueira, em que se consome uma vida humana votada ao espírito e só ao espírito, é Tobias Barreto".

Pois bem, êsse homem curioso, inquieto, voltado para todos os assuntos, escreveu sobre estética, ética direito, filosofia, religião, litera-

origem humilde, teve como professor de primeiras letras a Manuel Joaquim de Oliveira Campos. Mais tarde, matriculou-se em Estância como aluno de latim do padre Domingos Quirino, futuro bispo de Goiaz. Em 1854, recebe em Lagarto o título de substituto de qualquer provincial de latim. Em 1861, chega à Bahia, pretendendo ingressar na vida claustral. Desiste na primeira noite, passa a freqüentar as aulas de filosofia de Frei Itaparica. No ano seguinte, chega a Recife, submete-se a concurso de Filosofia para o Ginásio de Pernambuco. Tem como adversário Soriano de Souza, a quem vence, mas êste o nomeado. Faz versos românticos, polemizando com Castro Alves, também estudante, por motivos de preferência teatral. Forma-se em direito, já casado. Vai viver em Escada, terra da família da sua espôsa. Elege-se deputado provincial. Volta a Recife, onde presta concurso para professor da Faculdade de Direito em 1882.

Bibliografia — *Ensaio e estudos de filosofia e crítica*, Recife, 1875; *Dias e noites*, Rio de Janeiro, 1893; *Estudos Alemães*, Escada, 1880/1881; *Menores e loucos em direito criminol*, Recife, 1893; *Vários escritos*, Rio de Janeiro, 1900; *Discursos*, Rio de Janeiro, 1900; *Polêmicas*, Rio de Janeiro, 1901. *Obras Completas*, em 10 volumes, edição do Estado de Sergipe, 1926.

Consultar — Sílvio Romero, *A Filosofia no Brasil*, Porto Alegre, 1878; Sílvio Romero e João Ribeiro, *Compêndio de História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, 1909; Sílvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, 5.^a ed., Rio de Janeiro, vol. IV, 1953; Sílvio Romero, *Machado de Assis*, Rio de Janeiro, 1897, (2.^a ed., 1936); Sílvio Romero, os estudos preliminares a vários volumes das *Obras Completas*; Artur Orlando, *Prólogo à Filosofia e crítica* Introdução as *Questões vigentes*; M. P. de Oliveira Teles, *Missão tobiatica ao Recife*, in *Rev. Ac. da Fac. de Dir. de Recife*, 1925; Notas e adições in *Discursos e Dias e Noites*; Gumersindo Bessa, *Pela imprensa e pelo fóro*, Aracajú, 1916; Clovis Beviláqua, *Juristas filósofos*, Bahia, 1897; *Esboços e fragmentos*, Rio de Janeiro, 1899; *História da Faculdade de Direito de Recife*, 2 vols., Rio de Janeiro, 1927; V. Sá Pereira, *Tobias Barreto*, Rio, 1917; Graça Aranha, *Meu próprio romance*, Rio de Janeiro, 1931; Gilberto Amado, *Tobias Barreto*, Rio de Janeiro, 1934; Roberto Lyra, *Tobias Barreto, o homem-pêndulo*, Rio de Janeiro, 1937; H. Lima, *Tobias Barreto*, Rio de Janeiro, 1939 (2.^a ed., 1957); O. Mont'Allegre, *Tobias Barreto*, Rio de Janeiro, 1939; Tristão de Ataíde, *Estudos*, 1.^a serie, Rio de Janeiro, 1929; Miguel Reale, *O culturalismo na "Escola de Recife"*, in *Anais do 1.^o Cong. de Fil.*, 1950; vol. I; Leonel Franca, *Noções de História da Filosofia*, 14.^a ed., Rio de Janeiro, 1955; J. Cruz Costa, *Contribuição à História das idéias no Brasil*, Rio de Janeiro 1956.

tura, política. Fêz crítica e poesia, não passando neste terreno de um romântico, como o seria também em política, com pronunciado sentido liberal e social. Suas poesias ressentem-se daquela genialidade criadora, livre e intuitiva, que sobrava no seu competidor amorofo, Castro Alves. Manteve-se hugoanista, romântico e poeta medíocre. Mas é no campo do pensamento, pela sua presença física, pelo entusiasmo que despertou entre amigos e alunos, que se destaca a personalidade crítica de Tobias Barreto.

Sacudiu o marasmo intelectual brasileiro, divulgando entre nós as modernas correntes do pensamento filosófico europeu. Se o francês e o inglês eram os idiomas dominantes na busca da cultura, voltou-se para o alemão e para tudo que vinha da Alemanha, chegando às raias do fanatismo, como êle próprio confessou. Carlos de Laet, irônicamente, denominou o grupo germanista pernambucano de *escola teuto-sergipana*, mas foi dela que surgiu a mais exuberante e homogênea corrente de pensamento brasileiro nos fins do século passado e princípios dêste, com Tobias Barreto, Sílvio Romero, Fausto Cardoso, Clovis Beviláqua, João Ribeiro, Capistrano de Abreu, Araripe Junior, chegando mesmo a alcançar Farias Brito.

Apesar de fazer dos problemas filosóficos o centro de sua atividade intelectual, bem avaliava Tobias Barreto quanto era ingrato êste esforço entre nós. Já em 1874 dizia "Na verdade, o que é a filosofia entre nós? Simplesmente o nome de um preparatório, que a lei diz ser preciso para fazer-se o curso de certos estudos superiores. Fora disto, ninguém há que se interesse, que tome ao sério qualquer esforço de aplicação e cultura filosófica" (17). Fazendo obra de circunstância, tomando sempre partido no debate dos problemas em voga, contudo, merece Tobias o nome de pensador, agitando idéias, renovando o ambiente espiritual brasileiro. Agnóstico, chama-lhe Sílvio Romero, mas a verdade é que Tobias partiu de um espiritualismo eclético, à Cousin, por influência de seu primeiro professor de filosofia, Fr. Itaparica. Manteve-se nesta linha de 1861 a 1868, sendo dêste último ano o seu escrito sobre S. Tomás de Aquino, no qual aparece, pela primeira vez, o nome de Augusto Comte, aceitando o nosso sergipano como "inacessível e intratável a questão da causa primeira". Mais tarde apaixonou-se pelas teorias evolucionistas de Haeckel, dando o pensamento de um seu discípulo, Ludwig Noiré, como a última palavra na história da filosofia ocidental. Foi a isso que João Ribeiro, há cerca de quarenta anos, já chamava de germanismo de *segunda ou terceira ordem*, porque hoje em dia ninguém mais se lembra dêste nome, nem sabe o que significou para a filosofia alemã. Mas, apesar de predominante, não

(17) *Estudos alemães*, ed. de 1926, pág. 343.

se limitou Tobias à leitura atenta dêste autores, sendo freqüentes em sua obra as citações e a influência de figuras realmente representativas, como Kant, Goethe, Fichte, Schelling, Hegel, Schopenhauer, Hartmann e outras mais.

Confessava-se Tobias "materialista, no bom sentido da palavra". Não era "espiritualista no sentido vulgar da palavra". Mais tarde, definia-se enfaticamente: "Sou relativista". Tudo isso vem mostrar as suas hesitações doutrinárias. Partindo do espiritualismo eclético, demorou-se mais fundamente no monismo de Ludwig Noiré, por êle denominado de filosófico, para não ser confundido com o puramente biológico de Haeckel. Kant ajudou-o a abandonar o que chamava de "materialismo nú e descarnado". (18)

Num ensaio datado de 1872 sobre o romance brasileiro, apresentava Tobias Barreto somente dois nomes: Macedo e Alencar, mas achava que já era tempo de realizar-se uma renovação no estilo e no assunto, aproximando-se mais a ficção da realidade e da ciência. Pois é exatamente desta década (isto é, até 1882), que vão surgir os primeiros romances naturalistas brasileiros, de autoria de Inglês de Souza e de Aluizio de Azevedo (19). A certa altura, escrevia Tobias sobre Alencar: "Que diremos porém do autor do *Guaraní*? ... Não há de faltar quem opine, ao proferir-se tão alto nome, pisamos em terra santa; e que é preciso caminhar descalço. Mas eu não tiro os meus sapatos; confesso-me um pouco ímpio e irreverente". E forrado de imensa cultura filosófica e literária, pôde Tobias iniciar um novo tipo de crítica entre nós, objetiva e científica em oposição à que dominava anteriormente, apologética e impressionista. Chamou-o Sílvio Romero de "a mais completa encarnação do espírito crítico moderno no Brasil". Mas êsse papel viria a ser preenchido pelo próprio Sílvio, e ninguém mais o merece do que êle.

9 — Antes de estudarmos a importante figura do crítico de Lagarto, deve ser aqui lembrado sumariamente o nome de José Soriano de Souza (1833-1895), adversário de Tobias, professor da Faculdade de Direito de Recife e doutor em filosofia pela Universidade de Lovaina. Simples expositor, representa o reflexo brasi-

(18) Tobias nunca foi materialista mecanicista, nem mesmo no período mais ardentemente monista de sua vida. Nos seus últimos ensaios, nota-se uma grande acentuação finalista na sua filosofia, com a predominância do pensamento kantiano. Aliás, ninguém mais do que o próprio Tobias reconhecia sua volubilidade intelectual (*Prólogo, dos Estudos Alemães*). Para as suas últimas posições filosóficas: *Questões vigentes*, págs. 43/51, 245 e segs. e *Estudos alemães*, pág. 423.

(19) "Em 1882 — escreve Graça Aranha — *Meu próprio romance*, pág. 155 —, apontou a grande novidade que Aluizio Azevedo trouxera a literatura brasileira com o *Mulato*".

leiro das correntes neotomistas que então começavam a florescer na Europa, sem que contenha nada de original. Prelixo, as suas obras são volumosas, como o *Compêndio de Filosofia ordenado segundo os princípios e o método do Doutor Angélico S. Tomás de Aquino*, Recife, 1867, com 632 páginas, adotado como livro de texto nos seminários do Brasil. As suas *Lições de Filosofia Elementar Racional e Moral*, de 1871, atinge a 566 páginas." Seus escritos, diz com razão Leonel Franca, não são trabalhos originais, nem mesmo feitos de primeira mão pelo estudo direto dos grandes filósofos do século XIII". Nenhuma influência teve sobre as correntes literárias do seu tempo.

10 — Sílvio Romero (20) vai representar o madurecimento no campo da crítica literária das idéias sustentadas pelo seu conterrâ-

(20) Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (nasceu em Lagarto, Sergipe, a 21 de abril de 1851 e faleceu no Rio de Janeiro a 18 de julho de 1914), filho de portugueses, fez os primeiros estudos na sua vila natal. Em 1863, vem estudar os preparatórios no *Ateneu Fluminense*, na rua do Passeio, dirigido pelo monsenhor Antonio Pedro dos Reis. Em 1868 chega a Recife, por cuja Faculdade de Direito se diploma em 1873, sofrendo grande influência de Abreu de Lima e de Tobias Barreto. Em 1869 estréia na imprensa local. Volta a Sergipe, onde exerce o cargo de promotor e é eleito deputado provincial. Classificado em primeiro lugar na Faculdade de Direito de Recife em 1875, vê o seu concurso anulado. Deixa Recife em 1876 e é nomeado juiz de Parati, Estado do Rio. Em 1879, instala-se definitivamente no Rio de Janeiro, conquistando por concurso, em 1880, a cátedra de filosofia no Colégio Pedro II. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Eleito deputado federal em 1900. Durante quase vinte anos ensina filosofia do direito na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Casou-se três vezes.

Bibliografia — É imensa a relação das obras de Sílvio Romero. Daremos somente aqui as que mais de perto digam com o nosso assunto (para indicação completa: C. Sússekind de Mendonça, *Sílvio Romero*, S. Paulo, 1938, págs. 307/319; Sílvio Rabelo, *Itinerário de Sílvio Romero*, Rio, 1944, págs. 255/257): *A Filosofia no Brasil*, Porto Alegre, 1878; *Da interpretação filosófica na evolução dos fatos históricos* (tese), Rio de Janeiro, 1880; *Introdução à história da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, 1882; *História da literatura brasileira*, 2 vols., Rio de Janeiro, 1888 (2.^a, 1901; 5.^a, 1953); *A Filosofia e o ensino secundário*, Rio de Janeiro, 1889; *Doutrina contra doutrina, o evolucionismo e o positivismo no Brasil*, Rio de Janeiro, 1894; *Ensaio de filosofia do direito*, Rio de Janeiro, 1895; *Machado de Assis, estudo comparativo de literatura brasileira*, Rio de Janeiro, 1897; *Da crítica e sua exata definição*, Rio de Janeiro, 1909.

Consultar — A. H. de Souza Bandeira, *Uma renovação literária*, in *Rev. Bras.*, ano I, t. I, 1879; Araripe Junior, *Sílvio Romero, polemista*, in *Rev. Bras.*, de ag./nov. 1898 e jan. 1899; L. Freire, *Sílvio Romero, página de crítica impressionista*, Rio de Janeiro, 1900; Machado de Assis, *Crítica*, Rio de Janeiro, 1910; Artur Guimarães, *Sílvio Romero de perfil*, Rio de Janeiro, 1915; Coelho Neto, *Discurso de recepção*, in *Rev. Am.*, ano VI, n.º 3, dez. 1916; Nestor Vitor, *A crítica de ontem*, Rio de Janeiro, 1919; C. Beviláqua, *Sílvio Romero*, in *Rev. da Ac. Dr. de Letras*, vol. 26, n.º 74, fev.

neo Tobias Barreto. Terá larga margem de pensamento próprio, não sendo como querem alguns adversários seus — e éle próprio, a princípio, deu a entender isso — um simples discípulo do escritor de Escada (21). Embora muito lido em autores alienígenas, exibindo cultura a cada passo, voltou-se Sílvio Romero para o estudo sistemático das nossas coisas, quer do ponto de vista social, literário ou filosófico. A sua crítica procurou sempre compreender o escritor brasileiro em função do seu meio, diretamente ligado à terra, aos motivos nacionais. O problema da periodização da literatura brasileira foi seriamente encarado, numa tentativa de ordenar, segundo idéias estéticas pré-estabelecidas, o farto material já existente.

Sejam quais fôrem as suas concepções estéticas, constata-se desde logo a presença de alguém que sabe o que quer e como quer. A crítica passa a ser um exercício literário específico e distinto das outras atividades meramente diletantes. À maneira germânica de então, engloba Sílvio dentro do conceito amplo de literatura tôdas as manifestações escritas de um povo (ficção, ensaio, poesia, filosofia, ciências e assim por diante). Esta literatura é um produto histórico, natural, prêsã às suas origens e ao seu meio. É possível fazer-se uma história literária como quem faz o estudo evolutivo dos fenômenos da natureza. Mas não se pense que Sílvio admitia um materialismo mecanicista, no qual o escritor seria absorvido e manietado pelos fatores externos da criação. É este um ponto que convêm ser destacado, e não o fazem os seus expositores, principalmente os adversários "Deve-se, neste assunto (o meio e a raça), contar com o *fator humano*, isto é, com uma fôrça viva preste a reagir contra tôdas as pressões por intermédio da cultura" (22).

de 1928; Alcides Bezerra *Sílvio Romero, o pensador e o sociólogo*, Rio de Janeiro, 1935; C. Sússekind de Mendonça, *Sílvio Romero, sua formação intelectual (1851/1880)*, S. Paulo, 1938; Almeida Magalhães, *Sílvio Romero*, in *Est. de S. Paulo*, 17/8/1938; A. Cândido de Melo e Souza, *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero* (tese), S. Paulo, 1945; Sílvio Rabelo, *Itinerário de Sílvio Romero*, Rio de Janeiro, 1944; J. Cruz Costa, *Contribuição a história da idéias no Brasil*, Rio de Janeiro, 1956.

(21) Carlos Sússekind de Mendonça indica seis fontes diversas nas quais Sílvio procura desfazer o malentendido dos que o pretendem somente discípulo ou continuador de Tobias, *op. cit.*, pág. 60. Há uma sétima, no entanto, datada de outubro de 1895, que é o prefácio da *Filosofia do Direito*, nestes termos: "Em suma, eu e Tobias, que demos ao Brasil o exemplo de mais completa fraternidade espiritual, fomos dois camaradas, dois obreiros amigos, mas independentes, que procuramos trabalhar sem rivalidades e sem submissão um ao outro, de acôrdo, porém autônomos; éle todo häckelista e eu mais spenceriano"... "Minha posição foi, é e será a do amigo e camarada, reconhecedor e propugnador de sua elevada capacidade, de seus grandes méritos, sem contudo jurar indistintamente em tôdas as suas idéias".

(22) *História da Literatura Brasileira*, 5.^a ed., vol. I, pág. 110.

Não o diria melhor o culturalismo contemporâneo, em qualquer das suas facetas.

Como aconteceu com Tobias, também não se fixou Sílvio Romero em nenhum sistema ortodoxo de filosofia (23). Entusiasmou-se a princípio por Jouffroy, embora de passagem; sentiu depois a forte influência do pensamento de Comte, da primeira fase, sem admitir o apostolado da religião da Humanidade, chegando mesmo a polemizar com Miguel Lemos. Finalmente, predominou em sua vida intelectual o evolucionismo spenciriano e darwinista. Tudo isso, é claro, com grandes influências, na parte literária, de Taine e de todo o movimento realista e naturalista francês. Em nenhum momento escondeu o seu entusiasmo por Émile Zola, para êle o mais forte representante da nova corrente literaria.

Cada romance naturalista e realista que ia aparecendo era saudado por Sílvio Romero com alegria. A poesia e toda a literatura de ficção deviam inspirar-se nos ideais e ensinamentos da ciência. Não que fôsse ciência rimada ou estilizada, mas emoção ou sentimento servindo como instrumentos de realização do que representasse o último estado do conhecimento humano: o belo estaria de mãos dadas com o correto cientificamente. Combateu o romantismo com todas as suas forças e tinha nítida consciência do que representou diretamente a este respeito no ambiente intelectual brasileiro. Em mais de uma oportunidade referiu-se ao fato: "Felizmente a doutrina, como a formulamos e expuzemos, desde 1870, penetrou fundo no pensamento nacional, que já começa a apreciar devidamente suas conseqüências práticas e já a vai empregando até como base de obras artísticas e literárias: romances, contos, dramas, etc." (24).

(23) *A Filosofia no Brasil*, 1878, pág. 183: "O meu sistema filosófico reduz-se a não ter sistema algum; porque um sistema prende e comprime sempre a verdade. Sectário convicto do positivismo de Comte, não na direção que este lhe deu nos últimos anos de sua vida, mas na ramificação capitaneada por Émile Littré, depois que travei conhecimento com o transformismo de Darwin, procuro harmonizar os dois sistemas num criticismo amplo e fecundo".

(24) *Compêndio de História da Literatura Brasileira*, cuja 1.^a ed. é de 1906, de colaboração com João Ribeiro, pág. LXV.

As págs. 1285/1286 da *História da Lit. Br.* enumera Sílvio Romero 19 artigos seus de 1870 a 1873, com que contribuiu "para a morte do romantismo e propaganda de novos ideais".

Para os seus ideais da nova poesia, veja-se *Cantos do fim do século* (1869/1873), Rio de Janeiro, 1878, págs. V/XXII. Especialmente de combate ao romantismo, *O Naturalismo em literatura*, S. Paulo, 1882, definições de págs. 9/10. Em 1881, falando de *Idílios Modernos* de João Ribeiro, fazia esta profissão de fé: "Há outra observação a fazer: o lado estéril do rea-

Infatigável trabalhador, para o qual não havia — como para seu admirado francês — um dia sem linha, poucos terão exercido nesta terra uma influência tão grande na orientação da crítica literária, como exame estrênuo de tudo que seja produto da cultura humana, mas à luz de um critério objetivo de verdade, admita-se hoje — pouco importa — como certo ou errado. De Sílvio, como de Teorias, ou se escreve de mais ou de menos, no conhecido juízo crítico de Alceu Amoroso Lima a respeito dêste último. Infelizmente, somos obrigados a ficar com a última parte da alternativa.

11 — A partir do alvoroço intelectual em que Tobias meteu o Brasil, talvez não se possa encontrar outro igual ao que se lhe seguiu, por influência sua direta ou indireta. Com pequenas variantes, predominava sempre o sentido determinista do naturalismo do século XIX, através do positivismo, do evolucionismo ou do monismo. Em literatura, eram avassaladoras as concepções de Taine, acêrca da obra de arte como produto da raça, do meio e do momento. A despeito de divergências de pormenor, não escapa José Veríssimo a esta classificação genérica. Essas idéias dominavam a todos e penetravam por toda parte.

Araripe Junior (1848 — 1911) pertence, pela afinidade de idéias, ao grupo de Recife. Determinista geográfico, adepto de Buckle e Taine, procurou valorizar o folclore nacional, a exemplo de Sílvio Romero. Deixou um interessante estudo sobre José Alencar, inclinando-se sempre pelo estilo simples e direto, contra o abuso das figuras de retórica dos gongóricos. Foi uma das figuras marcantes nos movimentos de renovação e de agitação intelectual em Fortaleza a partir de 1872, conhecido por Academia Francesa e Padaria Espiritual, nos quais tomaram parte alguns jovens que viriam a ce-lebrizar-se nas letras nacionais, bastando destacar, no mundo da ficção: Adolfo Caminha, Rodolfo Teófilo, Antonio Sales, Domingos Olímpio, etc. A característica comum era o espírito regionalista e nativista, admitindo Araripe Junior como nota diferenciadora da nossa literatura os seus elementos naturais: os índios e o ambiente tropical.

Mais próximo do pensamento de Tobias e de Sílvio andam: Tito Lívio de Castro (1864-1890), monista haeckeliano evolucionista, falecido ainda muito jovem, logo depois de se formar em medicina; Artur Orlando da Silva (1858/1916), adepto também de evolucionismo spenciriano e admirador ardente de Tobias Barreto;

lismo, quero dizer, a pintura exclusiva do imoralidades cruas, creio que não tem sido imitado no Brasil; nenhum de nossos moços tomou para si aquela tarefa ostensiva".

Fausto Cardoso que, segundo Sílvio, foi um crítico da filosofia com autonomia de pensamento. Embora não apresente idéias originais, é um espírito forte, com intuições interessantes, seguindo um haeckelianismo sociológico, à maneira de Lillienfeld, Novicow, com fortes influências também de Buckle, Lange e Hartmann. Nesta mesma linha, embora mais original, cabe ser aqui lembrada a figura de José Estelita Monteiro Tapajós, autor de *Ensaio de filosofia e ciência*, S. Paulo, 1898 (25).

Não viria fora de propósito incluir aqui também, embora pouco valor tenha como filósofo e representem suas idéias uma reação antipositivista, o nome de Pedro Américo (1843-1905). O título de seu trabalho, tese de doutoramento em ciência físicas e naturais na Universidade livre de Bruxelas, é *La Science et les Systèmes* (1869). Qual a filosofia do nosso autor? Responde Sílvio Romero: "Ele pertence à parte do ecletismo francês, é espiritualista, sectário da razão inerrável, um pouco refratário à teologia. Suas vistas históricas são tiradas de Michelet e Quinet, estes dois fundadores da escola histórica francesa da simetria e da declamação". Não escapa, contudo, Pedro Américo ao renascimento de sua época, escrevendo, com ênfase "A religião aspira a preparar os homens para a vida futura, a ciência os prepara para a vida presente". Nenhuma influência teve o livro de Pedro Américo de Figueiredo e Melo, totalmente desconhecido entre nós, embora refletisse o seu entusiasmo, como pintor, pela natureza e pelas artes em geral.

Merecem registro também os nomes de Luis Pereira Barreto (1840-1923), Miguel Lemos (1854-1917) e Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927) positivistas os três, sendo que o primeiro dissidente, litreísta. Não tiveram, propriamente, influência direta sobre a literatura brasileira, do ponto de vista estético, mas são nome que não podem ser esquecidos — principalmente os dois últimos —, pelo que representaram de agitação apostolar, de movimento de idéias e, sobretudo, de orientação política na vida nacional. O primeiro, médico menos ortodoxo, deixou obras com maior cunho filosófico, como *As Três Filosofias* vol. I, Rio, 1874; vol. II, Jacarei, 1876) e *O Século XX sob o ponto de vista brasileiro* (S. Paulo, 1901). Embora não possua originalidade de pensamento, revela grande espírito crítico, objetivo, isento de preconceitos, no exame das questões do seu tempo.

No terreno estritamente literário, sem que o seu autor pretendesse o cognome de filósofo, não deve ser ignorada a ação disciplinadora exercida pela crítica de Machado de Assis (*q. v.*), liberto,

(25) Veja-se de Luis Washington, *Estelita Tapajós, precursor de Spengler?* in *Anais do 1.º Congr. Br. de Fil.*, S. Paulo, 1950, vol. I, págs. 203/207.

em parte, da atmosfera saturada do cientificismo do seu tempo, devido à sua concepção da vida e às suas preocupações estéticas. Vinho do romantismo, não se entregou aos exageros do naturalismo, permanecendo num terreno somente realista, mas pregando uma teoria formal ou clássica na literatura. Ao seu lado, é digna de nota a seriedade crítica de José Veríssimo (1857-1916), também de caráter disciplinador, lido em todas as correntes de seu tempo, mas sem a ortodoxia desta ou daquela opinião. Referindo-se às fórmulas críticas rígidas, escreveu na 2.ª série dos *Estudos Brasileiros*: "Eu por mim cada vez acredito menos nelas".

12 — Grande espírito, principalmente pelo que representou na historiografia brasileira, merece João Capistrano de Abreu (26)

(26) João Capistrano Honório de Abreu (nasceu em Maraguape, Ceará, a 23 de outubro de 1853 e faleceu no Rio de Janeiro a 13 de Setembro de 1927) descendia de fundadores da terra cearense, lá chegados nos primeiros anos do século XVII. Faz os estudos primários no município natal. Passa, depois, a Fortaleza, onde cursa três colégios diferentes até 1866. Encontra-se em 1869 em Recife, onde os pais esperam que se forme em direito. Desiste — e nunca será doutor por qualquer Faculdade —, e o encontramos em Fortaleza, incorporados aos mais ativos e influentes movimentos de renovação intelectual de 1871 a 1874. Estréia na crítica literária. Em 1875, transfere-se para a Corte, onde casa e constitui família. Entra para a Biblioteca Nacional em 1879, que será o seu ambiente de pesquisa e trabalho. Organiza o Catálogo da Exposição da História do Brasil. Faz jornalismo. Professor de corografia e história do Brasil do Colégio Pedro II em 1883, mediante concurso. Em 1887, é eleito para o Instituto Histórico. Vida de poucos acontecimentos exteriores, sempre dedicada ao trabalho e à pesquisa.

Bibliografia — "O Brasil no século XVI, Rio de Janeiro, 1880; O descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI, Rio de Janeiro, 1883 (tese); O descobrimento do Brasil, o povoamento do solo evolução social, in *Livro do Centenário*, Rio de Janeiro, 1900; *Capítulos de História Colonial*, Rio de Janeiro, 1907 (2.ª ed., 1928; 4.ª edição, com notas de José Honório Rodrigues, Rio de Janeiro, 1954); O descobrimento do Brasil, Rio de Janeiro, 1929; *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, Rio de Janeiro, 1930; *Ensaio e estudos*, 3 vols. Rio de Janeiro, 1931/1938; *Correspondência*, 3 vols., com prefácio e notas de José Honório Rodrigues, que a organizou. São importantes também as suas publicações, com notas e comentários, de historiadores brasileiros e as traduções, com notas, de obras estrangeiras sobre a história do Brasil. Não podemos, em simples nota, dar a relação completa. Os livros indicados a seguir completam o assunto.

Consultar — Farias Brito, *Homens do Ceará*, in *Rev. da Ac. Cea.* 1896; Mario de Alencar, *Capistrano de Abreu*, in *Almanaque Garnier*, 1909; Barão de Studart, *Dicionário Bio-bibliográfico cearense*, v. I, Fortaleza, 1910; José Veríssimo, *Capistrano de Abreu*, in *Rev. da Ac. Cea.*, t. XV, 1910; Afranio Peixoto, *Poeira da Estrada*, Rio, 1921; João Ribeiro, *Capistrano de Abreu*, in *Jorn. do Br.*, 19/8/1927; J. P. Calogeras, *Estudos históricos e políticos*, S. Paulo, 1931; Constancio Alves, *Capistrano de Abreu*, in *Jorn. do Com.*, 25/12/28; Tristão de Ataíde, *Estudos*, 3.ª série, Rio de Janeiro, 1930; Alba C. Nascimento, *Capistrano de Abreu*, Rio de Janeiro, 1931; J. A. Pinto do

uma referência especial. Do mesmo círculo de idéias de Tobias, Sílvio e Araripe, tomou parte ativa e saliente na "Academia Francesa" na Ceará, de 1872/1875, da qual é próprio dar extensa notícia. Grande conhecedor dos fatos da história brasileira, pesquisador incansável, teve a vantagem de trazer para o trato desses assuntos uma sólida base teórica, bem informada, que lhe dava um seguro critério crítico. Não foi um aturdido, mero pesquisador de fatos, distinguia bem o fato que oferecia significação para o encaideamento da síntese histórica, daquele sem significação, simples acontecimento isolado, sem conseqüências.

Mais preocupado com as correntes filosóficas e literárias no começo de sua vida intelectual, deu mostras do grande talento crítico. As suas primeiras impressões, as mais fortes, as que deveriam marcá-lo para o resto da vida, foram hauridas nas obras do Comte, Taine, Buckle, Spencer, Glennie, segundo é próprio confessar. Dando o seu credo literário, escrevia num ensaio de 1875: "Essas poucas palavras — expressão da sociedade — dizem muito quando aplicada à literatura. Com efeito, não significam somente que a literatura é um fato social, que há estreita relação entre o elemento social e o elemento literário; que a evolução, ou dissolução deste traduzem a evolução, ou dissolução daquele. Têm significação mais profunda e elevada: implicam a regularidade dos fenômenos sociológicos, a possibilidade de estudo científico". E depois: "A crença no determinismo sociológico; a convicção de que a sociedade brasileira é regida por leis fatais; a esperança de descobrir estas leis, — eis o que me anima e guia" (27).

Mais tarde, com novas leituras, já agora de autores e historiadores alemães (Ranke, Bücher, Meyer, Sombart, Wundt, etc.), iriam abrandar-se esses arroubos de mocidade, mas sem que o abandonassem totalmente as primeiras e mais fortes diretivas na formação do seu espírito. Também, já agora, devotava-se mais Capistrano ao problema da pesquisa e da crítica históricas, do que propriamente à crítica literária ou filosófica. Preocupava-o mais o problema da busca do documento, como ponto central da metodologia histórica, isto é, o problema das fontes.

Carmo, *Bibliografia de Capistrano de Abreu*, Rio de Janeiro, 1943; Pedro Gomes de Matos, *Capistrano de Abreu*, Fortaleza 1953; José Honório Rodrigues, *Capistrano de Abreu e a historiografia brasileira*, conf. de 7/10/53, in *Correspondência de Capistrano de Abreu*, vol. I, Rio de Janeiro, 1954; J. Honório Rodrigues, *Prefácio, a Correspondência*; E. de Castro Rebelo, *Capistrano de Abreu e a síntese histórica*, Rio de Janeiro, 1956; J. Honório Rodrigues, *Teoria Geral da História do Brasil*, 2 vols., 2.ª ed., S. Paulo, 1957.

(27) *Ensaio e estudos*, 1.ª série, Rio de Janeiro, 1931, pág. 62.

Por vocação e por doutrina, apontou Capistrano nos caminhos para o interior o verdadeiro método para o estudo da história brasileira. Foi o nosso mais alto representante do indianismo cultural, sempre preocupado com o sertão, como turma central dos seus estudos. Pra esta, de resto, a direção que tomavam os espíritos representativos da sua geração, e que irá culminar com Euclides da Cunha, (28) cuja obra principal, *Os Sertões*, foi publicada em 1902.

Euclides da Cunha talvez tenha sido o escritor brasileiro mais representativo deste nacionalismo literário, com um arraigado sentimento da terra e de sua gente. Engenheiro, de formação matemática,

(28) Euclides da Cunha (nasceu em Santa Rita do Rio Negro, Cantagalo, Estado Rio, a 20 de janeiro de 1866 e morreu no Rio de Janeiro a 15 de agosto de 1909) fez os primeiros estudos em S. Fidelis, vindo para a Corte em 1877. Passa o ano de 1878 no Colégio de Carneiro Ribeiro, em Salvador. De volta à Corte em 1879, aqui permanece, terminando o restante da sua instrução. Faz versos e deixa-se empolgar pelas causas abolicionista e republicana. Cursa a Escola Militar e sofre influência de Benjamin Constant. É celebre o seu ato de rebeldia diante do Ministro Tomás Coelho. A glória viria com *Os Sertões* (1902), no qual se retrata a campanha de Canudos. Vai demarcar as fronteiras do Brasil. Conhece o Amazonas, sobre o qual escreve um ensaio antológico. Concorrente de Farias Brito no concurso de Lógica para o Colégio Pedro II (1909), é nomeado e leciona por muito pouco tempo. Engenheiro militar e jornalista. Sucessor de Valentim Magalhães, toma posse na Academia Brasileira de Letras a 18 de dezembro de 1906.

Bibliografia — *Os Sertões (campanha de Canudos)*, Rio de Janeiro, 1902; *Contrastes e confrontos*, Porto, 1907; *Peru versus Bolívia*, Rio de Janeiro, 1907, (2.ª ed., 1939); *Martin Garcia*, Rio de Janeiro, 1908; *Castro Alves e seu tempo*, Rio de Janeiro, 1908; *A margem da história*, Rio de Janeiro, 1909; *Canudos (diário de uma expedição)*, Rio de Janeiro, 1939; *Relatório da Comissão Mista Brasileira — Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*, Rio de Janeiro, 1906. A *Coleção de Documentos Brasileiros*, da Liv. José Olimpio, prometeu, há muitos anos, ainda S. Paulo (estudos); *O Brasil no século XIX* (estudos) e *Estudos nordestinos*, não publicados até agora.

Consultar — Vicente de Carvalho, *Páginas soltas*, Rio de Janeiro, 1905; Moreira Guimarães, *Estudos e reflexões*, Rio de Janeiro 1910; J. Veríssimo, *Estudos de Literatura*, 5.ª série, Rio de Janeiro, 1910; Oliveira Lima, *Escragnole Doria*, A. Rangel e outros, *In Memoriam*, Rio de Janeiro, 1919; Teodoro Sampaio, *A memória de E. da Cunha, no dia do aniversário da sua morte*, in *Rev. do Inst. Geo. e Hist. da Bahia*, n.º 45, 1919; A. Peixoto, *Poeira da estrada*, Rio de Janeiro, 1921; Rodrigo M. F. de Andrade, *Euclides da Cunha visto através de Gastão da Cunha*, in *O Jornal*, 4/8/1926. F. Venâncio Filho, *A glória de Euclides da Cunha*, S. Paulo, 1940; Carlos Chiachio, *Euclides da Cunha, aspecto singular*, in *Suplemento do Jornal a Ala*, Bahia, 11/1/1940. Candido Rondon, *Euclides da Cunha* in *Suplemento Lit. a Manhã*, 16/8/1942; J. Oiticica, *Lembrança de Euclides*, in *rev. Euclides*, t. 2, n.º 12, 15/8/1940; Elói Pontes, *A vida dramática de Euclides da Cunha*, Rio de Janeiro, s./d. (1939); G. Freire, *Perfil de Euclides da Cunha e outros perfis*, Rio de Janeiro, 1944; Sílvio Rabelo, *Euclides da Cunha*, Rio de Janeiro, 1948; Fr. Venâncio Filho — *Euclides da Cunha e seus amigos*, S. Paulo, 1938; Fr. Venâncio Filho, *Euclides da Cunha*, Rio, 1949, com ampla bibliografia.

não deixou de sofrer forte influência positivista, através de Benjamin Constant. Mais tarde, pouco antes de falecer, viu-se na contingência de fazer um concurso para professor de Lógica no Colégio Pedro II, tendo, assim, de voltar às pressas ao trato dos livros especializados de filosofia. Em carta a Oliveira Lima não escondeu, no entanto, a ojeriza que tais esforços lhe causavam, não sendo de sua índole, objetiva e prática no trato das ciências, os sistemas metafísicos do século passado: "Andei perdido dentro da caverna de Platão... Conhece com certeza a alegoria daquele máximo sonhador, — de sorte que bem pode avaliar os riscos que passei. Volto à claridade, embora ainda sinta a repercussão formidável das rixas intermináveis dos filósofos e os últimos ecos irritantes da algazarra das teorias"... "Kant, sobretudo, assombra-me, não já pela incoerência (porque é o exemplo mais escandaloso de um filósofo a destruir o seu próprio sistema), senão pelos exageros apriorísticos que o reduzem. A minha opinião de bugre é esta: o famoso solitário de Königsberg, diante do qual, ainda hoje, se ajoelha a metade da Europa pensante, é apenas um Aristóteles estragado"... "E quanto a Spinoza, surpreende-me que durante tanto tempo a humanidade tomasse ao sério um sujeito que arranhou artes de ser doido com regra e método, pondo a alucinação em silogismo" (29).

Êstes poucos exemplos bem demonstram a nenhuma vocação de Euclides para os estudos abstratos e desinteressados da filosofia, o que não importa em dizer que lhe sejam estranhas as preocupações doutrinárias, que essas êle as demonstrou através de farta citação de livros de geografia, de ciências sociais, de história, terminando com a sua conhecida e clara exposição do socialismo marxista. Sua influência nas letras nacionais foi enorme, contra a alienação da cultura brasileira, e se fará sentir mais tarde nos próprios modernistas de 1922.

13 — Na história do pensamento brasileiro, destaca-se Rui Barbosa, (1849-1923), não como filósofo, que para isso lhe faltava vocação inteiramente, e sim como estilista e orientador da nossa atividade política e jurídica. Sempre voltado para os problemas do seu tempo, nos quais não deixou nunca de participar, manifestava Rui a sua índole de homem prático, pragmático, realista, para o qual o melhor do problema era encontrar-lhe uma solução eficaz, e não ficar perdido num mundo longínquo de nebulosas metafísicas.

Apesar de esforços recentes, ficamos com Capistrano de Abreu, que lhe negava cultura filosófica, reduzindo a filosofia simplesmente

(29) In S. Rabelo, *Euclides da Cunha*, cit., pág. 439.

à lógica e à dialética (30). Foi marcante, entretanto, a sua presença na nossa vida literária pela preocupação no apuro da linguagem, como representante desta "literatura de permanência", volta para os clássicos e fazendo do purismo motivo mesmo da nacionalidade. Contudo, frise-se mais uma vez, Rui não foi especulativo, inclinando-se antes para a ação imediata e direta. Não fôsse êle um homem da lei... Convém seja lembrado, todavia, que é de sua autoria, em 1882, a criação de uma cadeira de sociologia na escola secundária e no curso jurídico. "Em suas lutas democráticas, no plano nacional e no internacional, escreveu Fernando de Azevedo, e para a compreensão, cada vez mais lúcida e mais ampla de todos os problemas humanos e sociais, desde o da emancipação dos escravos até o das reivindicações operárias, Rui não foi senão, antes de tudo e acima de tudo, um humanista" (31).

Também humanista, "antes de tudo e acima de tudo", foi João Ribeiro (32), homem curioso de tôdas as coisas, sempre lendo, sempre ocupado, sabedor emérito de todos os conhecimentos, mas sem-

(30) Queremos nos referir ao ensaio de Miguel Reale, *Posição de Rui Barbosa no mundo da filosofia*, in *Anais do 1.º Cong. Br. de Fil.*, S. Paulo, 1950, págs. 51/76.

A citação de Capistrano é de sua *Correspondência*, vol. II, 1954, pág. 118. À pág. seguinte diz: "A falta de cultura filosófica pôde explicar sua versatilidade".

(31) *Na batalha do humanismo*, S. Paulo, 1952, pág.

(32) João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (nasceu em Laranjeiras, Sergipe, a 24 de junho de 1860 e faleceu no Rio de Janeiro a 13 de abril de 1934), neto de portugueses, atribuiu grande importância aos primeiros anos da sua vida, passados com seu avô, espírito liberal e admirador de Herculano e Saldanha Marinho. Faz verso aos 13 anos. Sem vocação para medicina e engenharia, encontra-se no Rio em 1880. Ingressa no jornalismo, onde vai militar até a morte. Gostava muito de pseudônimos, tendo usado mais de uma dúzia. Em 1885 ingressa, por concurso, na Biblioteca Nacional, como oficial de Secretaria. E, ao mesmo tempo, Secretário do Instituto Filosófico Brasileiro. Professor particular desde 1881, em 1887 obtém, por concurso, o lugar de professor de português do Colégio Pedro II. Casa-se em 1889 e forma-se em direito em 1894. Substitui Luiz Guimarães Junior na Academia, eleito a 8 de agosto de 1898.

Bibliografia — Da imensa bibliografia de João Ribeiro, daremos somente o que nos parece mais próximo do nosso objetivo: *Páginas de estética*, Lisboa, 1905; *O Fabordão, Crônica de vários assuntos*, Rio de Janeiro, 1910; *Notas de um estudante*, S. Paulo, s./d.; *A Filosofia no Brasil*, in *Rev. do Br.*, 1917; *Colmeia*, S. Paulo 1923; *Cartas devolvidas*, Porto, 1926; *Goethe*, Rio de Janeiro, 1932. No plano geral das obras completas de João Ribeiro, que serão publicadas pela Academia Brasileira de Letras, sob a orientação de Múcio Leão, o vol. XXXIV será dedicado a *Filosofia, ciência e religião* e o XLVIII a temas críticos sobre *Filósofos, juristas e cientistas*.

Consultar — Sílvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, ed. de 1954, vol. V; *Autores e livros*, vol. III, n.º 2 (12/7/43); vol. VI (16/4/44); José Verissimo, *Estudos de Literatura Brasileira*, 6.ª série, Rio de Janeiro,

pre modesto, boêmio do espírito, irônico e desencantado. Trabalhou muito, incansavelmente, tendo participado, com sua opinião autorizada em quase todas as dúvidas e polêmicas históricas ou literárias do Brasil. Se Rui representava aquela "literatura de permanência", auto-suficiente, satisfeita de si mesma, João Ribeiro, pelo contrário, podendo ser quinhentista pelo saber direto que tinha das fontes, preferiu a linguagem simples e desafetada.

Vindo das mesmas origens filosóficas de Tobias e Sílvio, saudado por este como um anti-romântico confesso e como lingüista de orientação científica, não se prende João Ribeiro a nenhum sistema, tendo, inclusive, ironizado o movimento da escola de Recife. Embora com uma cultura de formação européia, com amplo domínio do latim e do alemão, não se pode dizer que João Ribeiro não se tenha voltado para os problemas e assuntos nacionais. Não foi menos nacionalista do que os seus ilustres contemporâneos, gramático, historiador e ensaísta de temas brasileiros.

Num pequeno ensaio aparecido há quarenta anos, escrevia João Ribeiro, desencantado: "Não está no temperamento nem nas virtudes da nossa raça o culto da filosofia. Entre nós, um filósofo seria coisa anômala, sem antecedências normais, a classificar entre os produtos teratológicos da espécie" (33). E não seria ele um desses "espíritos filosofantes" ou mero "pensador", produto nacional, sucedâneo do verdadeiro filósofo. Céptico, sempre jovem de espírito, não extranhou nem deixou de compreender e aceitar o modernismo, quando chegou a este "vastíssimo arquipélago de ilhas humanas", que é o Brasil.

14 — *Filosofante* ilustre, na curiosa denominação de João Ribeiro, foi Farias Brito (34), a quem é dedicada a sua resenha crítica

1907; Múcio Leão, *João Ribeiro, estudos críticos*, Rio de Janeiro, 1934; José Maria Belo — *Imagens de ontem e de hoje*, Rio de Janeiro, 1936; Múcio Leão, *Síntese sobre João Ribeiro*, conf. de maio de 1941; Sacramento Blake, *Dicionário bio-bibliográfico*, vol. IV; Tristão de Ataíde, *Introdução à história do modernismo*, Rio de Janeiro, 1939; Wilson Martins, *A crítica de João Ribeiro*, in *O Estado de S. Paulo*, 9/8/53; Ramiz Galvão, Discurso recebendo João Ribeiro no Inst. Hist., in *Rev. do Inst. Hist.*, 1915, vol. II, Joaquim Ribeiro, *Nove mil dias com João Ribeiro*, Rio de Janeiro, 193. Para mais informações, Múcio Leão, *João Ribeiro, Ensaio biobibliográfico*, Rio de Janeiro, 1954.

(33) *A filosofia no Brasil*, in *Rev. do Brasil*, 1917, vol. VI, pág. 255.

(34) Rimundo de Farias Brito (nasceu em S. Benedito Ceará, a 24 de julho de 1864 e faleceu no Rio de Janeiro a 16 de janeiro de 1917) fez seus estudos em Sobral e Fortaleza, formando-se em direito pela Faculdade de Recife em 1884. Volta ao Ceará, onde ocupa vários cargos

tica acima referida. Também de gosto germanizante, à maneira de Tobias, cuja influência sofreu profundamente, aceitou o finalismo deste. Distanciava-se das idéias dominantes do seu tempo entre nós, criticando acerbamente os sistemas positivistas, evolucionistas e todos os que com eles se aparentassem dentro da mesma linha de determinismo mecanicista. Mas, do primeiro ao último livro publicado, não surgiu Farias Brito uma linha ascensional de pensamento, muitas são as suas contradições, hesitações, embora se sinta subjacente a tudo a sua orientação para a fé, para o espiritualismo. Mais do que científica, de duas ordens foram as suas preocupações permanentes: estética e moral, esta mais do que aquela. Em mais de uma oportunidade, referiu-se a esta última, inequivocamente: "daí a idéia que defendo: a moral é o fim da filosofia". E em outro

burocráticos, iniciando aí a publicação dos seus primeiros trabalhos. Em 1899, encontra-se no Pará, onde rege um curso de lógica no Ginásio Pais de Carvalho e uma cadeira na Faculdade de Direito. Afora pequena estada anterior, transfere-se de vez para o Rio em 1909, ano em que se submete a concurso da cadeira de Lógica no Colégio Pedro II, tendo como adversário, entres outros, a Euclides da Cunha. Com a morte deste, que a regeu por muito pouco tempo, recebe parecer favorável da Congregação, de autoria de Sílvio Romero, e ocupa a cátedra até sua morte.

Bibliografia — *Cantos modernos*, Rio de Janeiro, 1889; *Finalidade do mundo*: 1 — *A filosofia como atividade permanente do espírito humano*, Ceará, 1895; 2 — *Filosofia moderna*, Ceará, 1899; 3 — *Evolução e relatividade*, Belém, 1905; *Filosofia do espírito*: 1 — *A verdade como regra das ações*, Belém, 1905; 2 — *A base física do espírito*, Rio de Janeiro, 1912; 3 — *O mundo interior*, Rio de Janeiro, 1914; *Carta a Jackson de Figueiredo*, in *O País*, 12/11/1915; *O momento mais feliz da minha vida*, in *A Ordem*, abril de 1931.

Consultar — José Veríssimo, *Filosofia*, in *O Imparcial*, — 11/4/1914; Jackson de Figueiredo, *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, Rio de Janeiro, 1916; Xavier Marques, *Dois filósofos brasileiros*, Rio de Janeiro, 1916; Lauro Sodré, Augusto Vieira et alia, in *Memoriam*, Belém, 1917; Jackson de Figueiredo, *A questão social na filosofia de Farias Brito*, Rio de Janeiro, 1919; Almeida Magalhães, *Farias Brito e a reação espiritualista*, Rio de Janeiro, 1918; A. Diniz, *Meus odios e meus afetos*, S. Paulo, 1922; Ronald de Carvalho, *O Espelho de Ariel*, Rio de Janeiro, 1922; Nestor Vitor, *Farias Brito*, Rio de Janeiro, 1920; Tristão de Ataíde, *Estudos*, 1.^a série, Rio de Janeiro, 1927; H. Geenen, *Dois filósofos sul-americanos*, S. Paulo, 1931; Jonatas Serrano, *Farias Brito*, S. Paulo 1939; Hermes Lima, *Farias Brito*, in *Correio da Manhã*, 27/12/1939; G. Francovich, *Filósofos brasileiros*, Rio de Janeiro, 1939; Sílvio Rabelo, *Farias Brito ou uma aventura do espírito*, Rio de Janeiro, 1941; Renato Cirell Czerna, *Panorama filosófico brasileiro*, in *Anais do 1.º Cong. Br. Fil.* S. Paulo, 1950; Gina M. Galeffi, *La Filosofia de Farias Brito*, in *Anais*, cit.; Sílvio Romero, *História da Literatura brasileira*, 5.^a ed., Rio de Janeiro, vol. V, 1954; Leonel Franca, *Noções de História da Filosofia*, 14.^a ed., Rio de Janeiro, 1955; J. Cruz Costa, *Contribuição a história das idéias no Brasil*, Rio de Janeiro, 1956.

local: "A função da filosofia é dupla: teoricamente, criar a ciência; praticamente, criar a moral" (35).

Nisto, não andava muito afastado de Comte, que, na segunda fase da sua vida, incluiu a moral como a sétima e a mais importante das ciências. Farias Brito colocava Deus no centro mesmo da moral, pois que "negar a Deus, dizia, é negar a ordem moral". E sendo espiritualista, finalista, deísta, a sua filosofia não chegava a ser propriamente católica. Tomás de Aquino foi um dos autores de suas leituras, mas não o mais importante ou principal. Os filósofos gregos não lhe pareciam familiar, conhecendo-os através de exposições modernas e contemporâneas. Era muito forte a influência que sofrera de Spinoza, panteísta, para poder libertar-se dela sem esforço.

Este caminho vai ser percorrido e facilitado pelo conhecimento que irá fazer da obra de Bergson, responsável pela conversão ao catolicismo de mais um pensador. E aí reside uma das dificuldades do sistema de Farias Brito, procurar conciliar a sua primitiva orientação determinista, quase fatalista à maneira de Spinoza, com o intuicionismo criador e vitalista do filósofo francês. Confuso, hermético, permaneceu isolado e solitário no seu esforço de compor uma filosofia própria, no que não obteve êxito. Limitou-se a refletir as correntes dominantes na Europa e nos Estados Unidos, com Bergson e W. James à frente. Destaca-se no ambiente brasileiro do começo do século como um representante da reação espiritualista contra os sistemas cientificistas dominantes. E permaneceria ignorado, se dêle não se aproximassem alguns espíritos mais jovens e entusiastas, como Jackson de Figueiredo, enxergando na sua obra o caminho para a Igreja e o instrumento necessário para uma renovação espiritual no Brasil. E neste momento, como que despertando de um longo sono metafísico, animou-se o taciturno estudioso e chegou até a ver-se como chefe de escola, agitador de idéias, renovador do pensamento brasileiro. Dizia em carta a Jackson: "Estou agora convencido: havemos de vencer. Um homem nada representaria e teria fatalmente de desaparecer. Mas desde que a um homem se liga outro homem pelo laço das mesmas idéias, logo se forma uma cadeia, um centro de atração irresistível". E ainda com mais entusiasmo, confessadamente quixotesco: "Confie-mos, portanto. É esta a verdade: venceremos. Nem há mais razões para vacilações. É o que se virá. E assim, que ninguém duvide. Quasímodo reage eficazmente contra o mal. D. Quixote

(35) *A filosofia como atividade permanente do espírito humano*, cit. págs. 34/35. E depois em *A base física do espírito*, cit., pág. 72: "O ideal que me impulsiona é a ordem moral".

vencerá, com os que há de fazer a renovação espiritual do mundo. E que a multidão estremeça; porque terá fatalmente de ser subjugada, orientada em suas representações obscuras e incertas, esclarecida em sua cegueira, vencida em seus instintos selvagens".

Nem parece mais o mesmo ledor de metafísicas e o expositor enfadonho de teoria alheias. Ali está um ignorado homem de ação, um chefe de seita, mas este não era o verdadeiro destino de quem confessava em momentos de serenidade: "É por isto talvez que apenas proponho questões e nada resolvo, guiado unicamente pela luz sempre vacilante e incerta de razão" (36). E assim permaneceu Farias Brito até o fim, hesitante, incerto, perdido no meio dos sistemas, mas sem querer perder a sua fé. Se não chegou a formar escola, não se pode negar a grande influência que veio a ter mais tarde em Jackson de Figueiredo, Nestor Vitor, Alceu Amoroso Lima, mais próximos da fé católica, pela crença e pela graça, ultrapassando-o no caminho que Farias tentou mas que não chegou a vencer inteiramente.

15 — A esses escritores, e principalmente a Jackson de Figueiredo (37) é que se irá dever o reexame da obra de Farias Brito, já

(36) A primeira citação in Jackson de Figueiredo, *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, cit., págs. 225/226.

A última citação é de uma publicação póstuma na *Revista Latina*, de agosto de 1919.

(37) Jackson de Figueiredo Martins (nasceu em Aracajú a 9 de outubro de 1891 e faleceu no Rio de Janeiro a 4 de novembro de 1928), "a alma mais dramática da sua geração", na frase de Tristão de Ataíde, cursou a princípio um colégio protestante em sua cidade natal. Na Bahia, quando universitário, revela-se nietzschiano convicto. Mais tarde torna-se espiritualista, entusiasmado pelas obras de Farias Brito. Converte-se ao catolicismo e torna-se, talvez o mais vivo líder leigo de suas idéias doutrinárias e políticas. Exerce alguns cargos burocráticos no governo Bernardes, inclusive censor da imprensa. Personalidade absorvente, forte, sempre voltado para a auto-riedade, assume o papel de renovador do movimento católico brasileiro.

Bibliografia — Garcia Rosa, Rio de Janeiro 1915; Xavier Marques, Rio de Janeiro, 1916 (2.^a ed.); *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, Rio de Janeiro, 1916; *O crespúculo interior*, Rio de Janeiro, 1918; *Bôa imprensa*, crítica, Rio de Janeiro, 1919; *A questão social na filosofia de Farias Brito*, Rio de Janeiro, 1919; *Humilhados e luminosos*, Rio de Janeiro, 1921; *Do nacionalismo na hora presente*, Rio de Janeiro, 1921; *Pascal e a inquietação moderna*, Rio de Janeiro, 1922; *A reação do bom senso*, Rio de Janeiro, 1923; *Auta de Souza*, Rio de Janeiro, 1924; *Afirmacões*, Rio de Janeiro, 1924; *Coluna de Fogo*, Rio de Janeiro, 1925; *Correspondência*, 3.^a ed. Rio de Janeiro, 1946.

Consultar — Perilo Gomes, *Jackson de Figueiredo (o doutrinário político)*, Rio de Janeiro, 1926; Hamilton Nogueira, *Jackson de Figueiredo, (O doutrinário católico)*, Rio de Janeiro, 1928; Tristão de Ataíde, A. Frederico Schmidt, Sergio Buarque de Holanda, Alexandre Correia, Ronald de Car-

agora à luz confessa da doutrina católica. Através dêle é que Jackson se converteu, sendo-lhe por isso sempre grato, procurando emprestar ao seu antigo admirado a mesma fé inequívoca de que se achava possuído. Não chega, contudo, a ser um discípulo seu, por vários motivos, inclusive pela absoluta diferença de temperamentos e pela impossibilidade de poder aderir a um sistema filosófico único. Passando rapidamente pelo espiritualismo, fixa-se então, não num sistema meramente metafísico, mas na própria fé, profunda, definitiva, como irá confessar-se em 1922 “um católico, na mais rigorosa significação do nobilíssimo termo, um homem que conscientemente abdicou do seu individualismo intelectual nas mãos amantíssimas da Igreja católica”.

Começa aí o apostolado católico, cabendo-lhe renovar entre nós o movimento católico, pelo seu entusiasmo, sua ação, sua luta, que se comunicavam a todos quantos dêle se aproximavam. Ninguém mais do que êle sentia a fraqueza de um verdadeiro catolicismo, íntimo e profundo, na sociedade brasileira. Não basta a simples tradição católica, é preciso um pouco mais, como claramente reflete êste trecho de um dos seus inéditos: “Por mais que nos queiramos iludir, o certo é que sentimos quanto é morna e inexpressiva a atmosfera moral do catolicismo no Brasil”. (38) Nacionalista a seu modo, anti-socialista, além de visceralmente católico, tais são em resumo as idéias dominantes em Jackson de Figueiredo.

Enorme, imensa foi a sua influência sobre os escritores católicos e espiritualistas seus contemporâneos, que lhe dedicaram vários ensaios de compreensão sobre os diversos aspectos do seu pensamento e da sua catequese, tais como Jônatas Serrano, Alceu Amoroso Lima, Ronald de Carvalho, Agripino Gueco, Perilo Gomes, Hamilton Nogueira, Sergio Buarque de Holanda, Virgílio de Melo Franco, Nestor Vitor, Leonel Franca, Alexandre Correia, Augusto Frederico Schmidt, Contreiras Rodrigues, Olegário Silva e outros.

16 — Poucos anos depois de Jackson, em 1931, morriam dois escritores nacionais que não pertenciam ao seu círculo de influência.

valho, Virgílio de Melo Franco, Nestor Vitor, Leonel Franca, Jonatas Serrano et alia, *In Memoriam*, Rio de Janeiro, 1929, com alguns inéditos de Jackson, inclusive dois capítulos de um romance; Tristão de Ataíde, *Estudos*, 3.^a série, II, Rio de Janeiro, 1929; Agripino Grieco, *Evolução da Prosa Brasileira*, Rio de Janeiro, 1933; Tasso da Silveira — *Jackson de Figueiredo*, Rio de Janeiro, 1945; Renato Cirell Czerna, *Panorama filosófico brasileiro*, in *Anais do 1.^o Cgr. Br. de Fil.*, S. Paulo 1950; J. Cruz Costa, *Contribuição para a história das idéias no Brasil*, Rio de Janeiro, 1956.

(38) A citação do parágrafo anterior é de *Pascal e a inquietação moderna*, cit., pág. 9. A última é de *In Memoriam*, cit., pág. 4.

Queremos nos referir a Vicente Licínio Cardoso (39) e a Graça Aranha. Ambos apesar da nova orientação que mais tarde êste último viria a imprimir ao seu pensamento, ainda são produtos do movimento filosófico desencadeado no sul pelos positivista e no norte por Tobias Barreto. E se não bastasse o exame geral das suas obras, vem o fato expressamente confessado por ambos.

Vicente Licínio Cardoso era filho de uma família positivista, embora seu pai não o fôsse ortodoxo. Êle próprio, fortemente marcado pelas idéias de Augusto Comte, quanto à parte científica de sua obra e de filosofia da história, não deixou em mais de uma oportunidade de criticá-lo, procurando corrigi-lo em alguns pontos fundamentais. Mas era esta, sem dúvida, a dominante em seu pensamento filosófico.

Dos nossos escritores, sofreu Vicente forte influência das idéias de Euclides e de Alberto Torres no sentido de volta à terra pátria, a um nacionalismo cultural. Êle próprio denominou o seu possível sistema de *humanismo brasileiro*, na busca de uma interpretação nacional do Brasil e não puramente regional, “como tem sido abusivamente empregado o maior adjetivo da nossa raça — *brasileiro*.” Americanos e brasileiros, precisávamos abandonar “essa posição fal-

(39) Vicente Licínio Cardoso (nasceu em 3 de agosto de 1889 e faleceu no Rio de Janeiro a 10 de junho de 1931) filho de Licínio Atamázio Cardoso, engenheiro e médico, positivista, sofreu influência inicial do pai. Aluno laureado da turma de engenheiros de 1912, ganhou, como prêmio, uma viagem aos Estados Unidos. Em 1917, concorreu a cátedra de História das Belas Artes, na Escola Nacional de Belas Artes, com a tese *Prefácio à Filosofia da Arte*. Anulado o concurso, desinteressou-se pelo seguinte. Faz-se catedrático da Escola Politécnica em 1927, com a tese “À margem das arquiteturas grega e romana”. Doente, suicidou-se em 1931.

Bibliografia — *Estética e engenharia: Arquitetura norte-americana*, Rio de Janeiro, 1916; *Prefácio a Filosofia da Arte*, Rio de Janeiro, 1918; *A margem das arquiteturas grega e romana — Princípios gerais modernos de higiene hospitalar*, Rio de Janeiro, 1927; *Humanismo: Pensamentos brasileiros*, Rio de Janeiro, 1924; *Vultos e idéias*, Rio de Janeiro, 1924; *Figuras e conceitos*, Rio de Janeiro, 1924; *Afirmarções e comentários*, Rio de Janeiro, 1925; *À margem da História do Brasil*, S. Paulo, 1933; S. Paulo, 1934.

Consultar — Alcides Bezerra, *Um filósofo da arte*, in *Boletim de Ariel*, fev. de 1936; A. Bezerra, *Achegas a História da Filosofia*, Rio de Janeiro, 1936; Acácio Franca, *Vicente L. Cardoso, História de uma amizade*, Rio de Janeiro, 1931; Castilhos Goicochéa, *O super-humanismo de Vicente Licínio*, Rio de Janeiro, 1934; Dulcídio Pereira, *Discurso em memória de V. L. Cardoso*, na Congregação da Escola de Engenharia, Rio de Janeiro, 1931; Agripino Grieco, *Evolução da Prosa Brasileira*, Rio de Janeiro, 1933; Leontina L. Cardoso, *Licínio Cardoso*, 2.^a ed., Rio de Janeiro, 1942 (é o pai); Renato C. Czerna, *Panorama filosófico brasileiro*, in *Anais*, cit., S. Paulo, 1950; J. Cruz Costa, *Contribuição à História das idéias no Brasil*, Rio de Janeiro, 1956.

se e perigosa de querermos continuar a ser *bastardos espirituais* dos povos europeus”.

Mas é numa obra anterior à fase do seu humanismo, *Filosofia da Arte*, que aparece melhor a sua capacidade de abstração filosófica, numa tentativa que até hoje permanece única entre nós, inclusive pela aplicação que faz à arquitetura, quase sempre abandonada como arte menor. Eis em suas próprias palavras os três “noções capitais e fundamentais para o estabelecimento da Filosofia da arte: a arte como função do meio, a variação do grau de ideal e a arte como expressão das civilizações” (40). Esses três esquemas éle os desenvolveu exaustivamente, apesar de sentir-se Comte como o seu inspirador intelectual.

Vicente viveu o mesmo movimento de idéias modernas — de volta ao sertão, de conhecimento da terra, de rompimento com a Europa, de nacionalismo literário — que iria constituir a própria razão de ser dos últimos anos de Graça Aranha. Admirador de Tobias Barreto, de quem foi aluno, não pôde Graça Aranha fugir à sua influência direta e absorvente. Através dêle entrou em contato com as modernas correntes do pensamento europeu, abandonando as antigas idéias nas quais tinha sido educado. É que em ambos havia o mesmo temperamento, vibrátil, ardente, inquieto, que se manifestava numa personalidade com inequívocas qualidades de liderança. Em *O meu próprio romance* diz que Tobias constituiu para êle o milagre da libertação. E, antes, definindo-se bem: “Tôda a vez que uma idéia me toma, ela se converte em sentimento absoluto, exclusivo, e me governa. Assim fui abolicionista, republicano, anarquista, aliado, modernista e revolucionário”. Se associarmos a isso uma confissão sobre a sua infância, perdida páginas atrás, teremos o Graça de corpo inteiro: “Eu era o chefe do grupo e sob a minha inspiração inventavam-se as brincadeiras” (41).

Nele, como em Capistrano, Euclides e Licínio, dominava um forte sentido da terra, um sentimento telúrico de brasilidade. Trazendo para o *Canaan* o problema da imigração no Espírito Santo, tratava Graça Aranha de um tema regional sem deixar nunca de ser universal, era a descrição do drama do homem branco nos trópicos, feito por alguém que se revelava senhor do invejável poder descritivo.

De volta da Europa, em 1924, trazia Graça Aranha as últimas novidades literárias e estéticas, que procurou desde logo aplicar ao Brasil, também inquieto, em ebulição e também conhecedor do que se vinha fazendo em terras de além-mar. O mérito maior de Gra-

(40) *Filosofia da Arte*, 2.^a ed., 1935, pág. 9.

(41) *O meu próprio romance* — S. Paulo, 1931, págs. 159 e 50.

ça, no movimento modernista, foi o de servir de elo intermediário entre a velha e a nova geração, papel êste desempenhado — em outro plano, é claro — também por João Ribeiro, aliás, grande amigo do maranhense até sua morte. Os jovens modernistas (Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Tristão de Ataíde, Ronald de Carvalho, Alcântara Machado, etc.) recebiam a adesão e o comando de alguém que já vinha de volta na vida. De um escritor consagrado, acadêmico, que não queria transformar-se em medalhão de maneira alguma. Em futuro depoimento, dirá Mario de Andrade: “E eis que Graça Aranha, célebre, trazendo da Europa e sua *Estética da Vida*, vai a São Paulo, e procura nos conhecer e agrupar em torno de sua filosofia. Nós nos ríamos um bocado da *Estética da Vida* que ainda atacava certos modernos europeus da nossa admiração, mas aderimos francamente ao mestre” (42).

Embora muito discutível esta chefia do movimento modernista, de caráter libertário, anárquico, no qual “cada um, isoladamente, procurava manifestar como podia sua tendências” (Sergio Buarque de Holanda), não se pode negar o papel catalizador da intervenção de Graça. Com êle, o movimento penetrava a própria Academia, ganhava maior amplitude, além de uma tentativa de sistematização de idéias. Seu livro *Estética da Vida* havia sido publicado em 1920, e nele se sente a predominância do pensamento de Schopenhauer, Nietzsche e do monismo de Haeckel além de um imanente panteísmo spinozista. Sua preocupação constante é o Universo, através de uma *visão espetacular do mundo*: “Só resta dêsse Universo, no nosso espírito, uma pura idealidade, e o sentimento da sua unidade infinita se impõe à nossa consciência, como a nossa razão de ser. Êle nos liga a todos os fenômenos universais e explica a nossa existência como uma aparência fenomenal da substância. E o Universo se projeta no nosso espírito, como uma imagem, um espetáculo. Assim, tôda a idéia que se tenha do Universo, seja científica, matemática ou biológica, seja idealista ou religiosa, é espetacular. Pode-se afirmar que a função essencial do espírito humano é a função estética, e que só esta explica o Universo e nós mesmos” (43).

Lido hoje à distância, longe do momento em que foi escrito e sem a presença do seu autor, sente-se um certo enfado pelas longas e palavrosas tiradas do autor do *Espírito Moderno*. As suas contradições são muitas, o que não impede lúcidos momentos de penetrante intuição sobre a gente e a terra brasileiras, como acontece no capítulo *Metafísica brasileira*, em que se antecipa ao tema das três raças tristes de Paulo Prado.

(42) *O movimento modernista*, Rio de Janeiro, 1942, pág. 23.

(43) *A Estética da Vida*, Rio de Janeiro, s./d., pág. 76.

17 — Coube a êste paulista ilustre desenvolver no *Retrato do Brasil* estas idéias de Graça, que também já apareciam em Capistrano, ambos mestre de Paulo Prado (1869-1943). Numa tentativa de interpretação do Brasil — como tantas, que já se fizeram e cada escritor brasileiro tenta fazê-lo — fixa-se o autor na cobiça, na luxúria, na imaginação e no romantismo como os quatros fatores da nossa cultura. Sobre êsses dois últimos: “No Brasil, do desvario dos nossos poetas e da altiloqüência dos oradores, restou-nos o desequilíbrio que separa o lirismo romântico da positividade da vida moderna e das forças vivas e inteligentes que constituem a realidade social. Hipertrofia da imaginação e da sensibilidade, e pela lei das reações em que todo excesso se paga, misantropia e pessimismo” (44).

Não fugiu Paulo Prado à determinante da sua geração, modernista e nacionalista. E foi através dessas características que se projetou o nome de Mário de Andrade (1893-1945), trazendo para o centro mesmo de sua obra as manifestações folclóricas da gente brasileira, a sua linguagem viva e regional. Essa preocupação lingüística, juntamente com a musical, foi a dominante da sua concepção estética. E é curioso como o modernismo vai representar, de certo modo, a continuação do que tivemos de mais autenticamente brasileiro no século passado — o indianismo.

Não tentou Mário de Andrade fazer um retrato do Brasil, uma interpretação generalizadora do nosso caráter nacional. Achava êle que ainda era prematuro êste ensaio, notadamente em matéria de literatura, sendo prematura qualquer tentativa de crítica sintética dos fenômenos culturais brasileiros, “porque, como sucede com todos os outros povos americanos, a nossa formação nacional não é natural, não é espontânea, não é, por assim dizer, lógica. Daí a imundície de contrastes que somos. Não é tempo ainda de compreender a alma-brasil por síntese”.

Sempre inquieto, não se contentado com a simples literatice — que êle tanto criticava nos literatos ... — realizava-se Mário de Andrade conscientemente, como quem se coloca uma prévia táboa de valores. Mas nunca pretendeu ser pensador ou filósofo, desgarrado de outros problemas mais concretos e imediatos. A respeito da nossa incapacidade para a filosofia, levantou estas indagações bem dentro das suas preocupações lingüísticas: “Reconhecem os portugueses não serem êles propensos à filosofia, e temos que reconhecer o mesmo do Brasil. Mas a dúvida me atormenta... A língua nossa é que ainda não me parece suficientemente cultivada

(44) *Retrato do Brasil*, 4.^a ed., Rio de Janeiro, 1931, págs. 180/181.

para servir de expressão às idéias abstratas. Tôda a nossa história política prova exuberantemente que não há país no mundo mais cheio de homens que esta grande pátria brasileira. E a dúvida me atormenta. Será realmente por culpa da raça que nos faltam filósofos... Não será por culpa da língua?... Mas será por culpa da língua que nos faltam filósofos, ou por culpa dos filósofos que nos falta língua?...” (45).

Aí fica a indagação. E a ela tem procurado responder o representante da crítica espiritualista entre nós, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) (q. v.). Já muito antes que Mário formulasse a sua dúvida (1939), enveredou Alceu pelo caminho das idéias gerais, penetrando em todos os sistemas de filosofia, compreendendo-lhes a mensagem e o sentido, e talvez optando pela última das perguntas — é por falta de filósofos que nos falta língua. Haja pensadores autênticos, e o instrumento de comunicação das suas idéias abstratas será forjado por êles.

Tristão de Ataíde desempenhou, entre nós, o papel de crítico literário da ascensão do movimento modernista. Embora sofrendo também a influência nacionalista, manteve-se mais aberto às correntes de cultura vindas da Europa. Amigo de Jackson de Figueiredo, muito lhe deve e a Farias Brito na decisão que iria tomar no sentido do catolicismo, do qual se transformou em chefe espiritual leigo. O toque último e imediato deve-o, segundo sua própria confissão, ao padre Leonel Franca. Daí para cá, êste espírito múltiplo, incansável e curioso de tôdas as coisas adota um novo critério de julgamento estético, encontra uma filosofia definitiva onde repousar, mas não o abandonam nunca aquelas primitivas qualidades de crítico e pensador. Ainda em 1945, declarava, convicto: “Sustento e tenho tentado provar no exercício de uma longa atividade crítica, que uma fé viva e particularmente a Fé Católica, longe de ser um prejuízo para o exercício da liberdade crítica, é uma garantia teórica para a sua autenticidade. A Fé não dá inteligência, mas tem de dar honestidade. Se não der é que se deixou vencer pelo que deve ser a sua contradição — o Fanatismo” (46).

(45) A primeira referência é de *Aspectos da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, 1943, págs. 16/17. A segunda é de *O empalhador de passarinho*, 2.^a ed., S. Paulo, 1955, pág. 177.

(46) *O crítico literário*, Rio de Janeiro, 1945, pág. 252.

Em 1931, na 4.^a série de seus Estudos, pág. 83, confessava, de passagem: “Para nós, que estamos empenhados nesta obra de renovação religiosa e de renascimento pela religião que Jackson de Figueiredo iniciou — na linha entretanto dos grandes pensadores católicos de nossa história...”

Quanto à dívida para com o Padre Leonel Franca, vejamos as suas palavras no comovido necrológico que traçou daquele educador e catequista de almas. In *Jornal do Comércio*, domingo, 5 de setembro de 1948.

18 — Muitos outros autores poderiam ter sido lembrados nesta rápida resenha, mas estaríamos escapando ao assunto estrito das relações da filosofia com a literatura. Serão melhor estudados em outros capítulos desta mesma obra, como ensaístas, modernistas, historiadores, críticos. São, realmente, grandes espíritos e suas obras revestem-se de contribuições definitivas incorporadas ao pensamento brasileiro. Queremos nos referir a um Joaquim Nabuco, a um Oliveira Viana, a um Alberto Torres, a um Oswald de Andrade, a um Gilberto Amado (“se não fôra Nietzsche, teria ficado positivista”, confessa), a um Gilberto Freyre, a um Euryalo Cannabrava.

Atualmente, com o estudo metódico da filosofia, fornecido pelas diversas Faculdades existentes entre nós, vai ganhando em seriedade a preocupação ordenada dos estudos filosóficos. Começa a passar a fase puramente autodidática, substituída pela formação sistemática de professores especializados e profissionais. Realizam-se congressos de filosofia, surgem as revistas, agrupam-se os interessados, e tudo faz crer que se inicie um período mais promissor a êste respeito. Basta lembrar aqui a *Revista Brasileira de Filosofia*, dirigida por Miguel Reale e uma equipe homogênea de jovens estudiosos da filosofia, e *Kriterion*, da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, publicação semestral, sob a direção de Artur Versiani Veloso. Só assim se terá tomado possível criar uma certa continuidade histórica entre as diversas correntes do pensamento que porventura existam na nossa produção literária, com vida própria e autêntica, e não mais simples imitação sincopada dos movimentos europeus. Filosofia não se improvisa, nem se faz nacional por imposição da crítica; adquire-se pelo estudo, pela meditação e pelo trabalho de muitas gerações. E nenhuma literatura verdadeiramente nacional é possível sem uma filosofia concomitante, que nada mais é do que uma reflexão crítica dos próprios fundamentos que a informam, do que uma visão racional de todos os aspectos da vida.